



"A PROPINA É UM PROBLEMA POLÍTICO"

Em entrevista, o novo presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), Lopes da Silva, não concorda que a propina seja atribuída pelas universidades. No entanto, defende o valor

máximo, "para o Estado não vir dizer que as universidades não têm dinheiro". O docente mostra-se ainda contra a criação de novas instituições porque "temos universidades a mais".

Pág. 2 e 3

RUI VELINDRO

Ensino Superior

O Governo aprovou a legislação final que vai regulamentar o processo de Bolonha no ensino superior. O diploma define o sistema de créditos para cada curso e extingue os exames 'ad hoc' Pág 5

Nacional

A CABRA foi falar com os grupos parlamentares sobre a regionalização, no momento em que um candidato à presidência do PSD Porto trouxe o assunto de volta ao debate político Pág 8

PÁGS. 10 E 11 -> Reportagem **A comunidade brasileira na UC**

São cada vez mais os brasileiros que vêm para a Universidade de Coimbra estudar. A CABRA foi conhecer as expectativas e os desafios da comunidade brasileira em Coimbra.

Desporto

Ricardo Leal dos Santos, o primeiro piloto português a terminar a prova do Dakar sem navegador, contou a história da travessia do deserto e o seu currículo, recheado de vitórias Pág 14



"COMBOIO DA EUROPA" ARRANCA HOJE

A nova campanha de sensibilização da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra tem hoje início. A Declaração de Bolonha é o tema da iniciativa, que se vai desenrolar por fases. Na primeira etapa, vão ser distribuídos cartazes e flyers com questões sobre o processo, nas faculda-

des, cantinas e residências da Universidade de Coimbra.

Mais do que informar, a campanha pretende levar o estudante a reagir ao que o processo traz de novo para o ensino superior. Fernando Gonçalves não exclui a hipótese de a campanha culminar com uma manifestação. Pág 5

SUMÁRIO

Destaque	2	Tema	10
Opinião	4	Ciência	12
Ensino Superior	5	Desporto	13
Cidade	7	Cultura	15
Nacional	8	Viagens	17
Internacional	9	Artes Feitas	18

**Via Latina
Ad Libitum**

mare nostrum
À venda a partir de 1 de Março

PUBLICIDADE

2

DESTAQUE - Entrevista

José Lopes da Siva

“A implementação do processo de

O presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP) considera que Portugal não está atrasado na aplicação do processo de Bolonha. Com o novo modelo, alunos e professores devem ter um contacto mais frequente, diz o docente

Por Olga Telo Cordeiro e Margarida Matos (texto) e Daniel Palos (fotografia)

José Lopes da Silva sempre concordou com a nota mínima de 9,5 no acesso ao ensino superior. Quanto aos cursos com poucos alunos, defende a captação de estudantes estrangeiros.

O CRUP aconselhou a que o processo de Bolonha só fosse aplicado em Portugal em 2007? Porquê?

O CRUP sugeriu que todos os cursos estivessem prontos em 2007, não impedindo que os mais adiantados começassem já no próximo ano. Nos acordos de Bolonha, 2010 é a data limite. Começar em 2007 levaria a que os primeiros licenciados do novo modelo surgissem em 2010.

Por outro lado, entendeu-se que não devíamos deixar para a última hora, porque implementar Bolonha não é fácil. Não basta dizer que é de 3+2, 4+1 ou 0+5. Os primeiros anos são de adaptação e, se queremos estar em 2010 a cumprir aquilo que foi acordado, há que começar com alguma antecedência.

Mas considera que Portugal está atrasado neste processo?

Não acho que estejamos atrasados. Podíamos só começar em 2010; se começarmos em 2007, não estamos atrasados. É verdade que outros países estão mais adiantados, porque começaram mais cedo, e houve mesmo alguns que começaram cedo demais. A Itália, nomeadamente, que implementou o processo um ou dois anos depois de ter sido assinada a declaração de Bolonha, e depois teve que fazer marcha-atrás e retomá-lo de novo.

E quais são as principais dificuldades para implementar este processo no nosso país?

O objectivo de Bolonha é introduzir um novo paradigma no binário ensino/aprendizagem. Isto implica que o professor não acabe a missão quando termina a aula, e que o aluno não comece a sua só umas semanas antes de ser avaliado. Tem que haver um contacto muito mais frequente entre os dois, fora do tempo de aula, e um acompanhar do aluno ao longo do ano lectivo. E a avaliação é o último passo natural desse período.

E isso implica uma nova atitude da parte do estudante?

O estudante não pode ser um mero espectador numa aula mas deve também intervir. E deve acompanhar as matérias dia a dia. Isto obriga a uma nova mentalidade por parte dos estudantes e dos professores. Mas é fundamental que isto seja generalizado, o que implica novos métodos de ensino e aprendizagem. Implementar isto é que é o mais difícil.

E que métodos de ensino são esses?

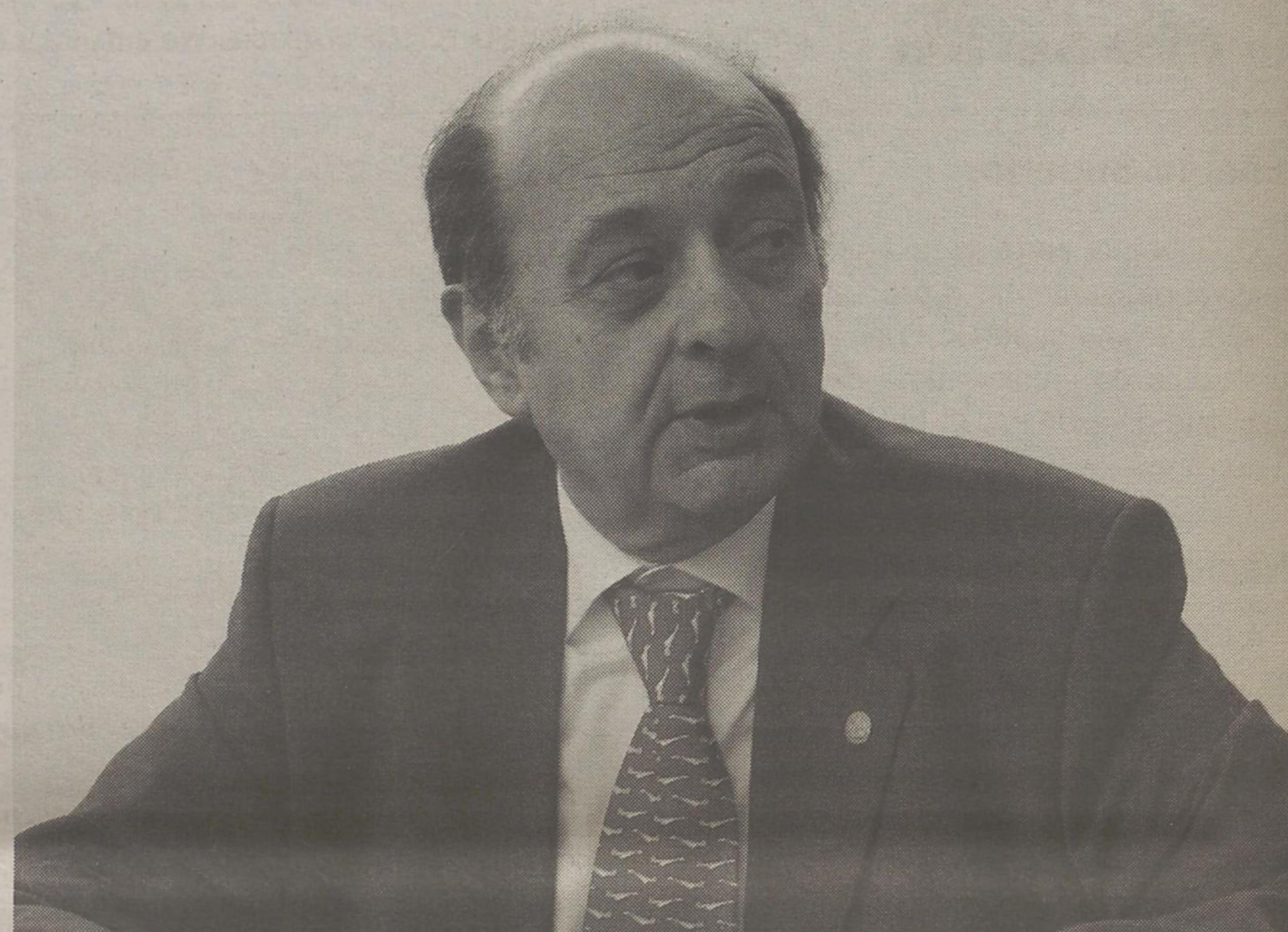
Isso depende dos cursos e das cadeiras. Uma cadeira de ciências básicas implica que o aluno tenha um conjunto de aulas teóricas, mas em que o aluno deve intervir. E o professor não se deve limitar a falar, deve suscitar perguntas dos alunos e interagir com eles. E se o aluno tem dúvidas deve procurar o professor, que deve ter um tempo razoável para esse efeito. Isso pode não ser feito presencialmente, pode haver um portal da cadeira onde estão ligações ou indicações de complementos de informação, mas também um conjunto de exercícios, e até perguntas do aluno a que o professor responda. Isto são processos que já existem e são aplicados, mas que não estão generalizados.

Considera que Bolonha é imprescindível para o ensino superior em Portugal?

É imprescindível, na medida em que todos os países da Europa o estão a seguir. Mas não confundamos Bolonha com um tratado. É um processo que permite aos estudantes ir até outro país europeu e eles perceberem o que é o seu curso, e portanto exercer uma profissão com o seu curso. Não é igualar tudo, mas tornar a informação legível, de forma a que, com o suplemento ao diploma, os estudantes se apresentem seja onde for e, do ponto de vista profissional e académico, as pessoas saibam ler aquilo que se leva.

Qual o parecer do CRUP relativamente aos anteprojetos-lei do governo para a aplicação de Bolonha?

O CRUP entendeu que os projectos eram positivos, mas precisavam de afinações. Relativa-



“Deve-se abrir o espaço português ao estudante estrangeiro”

mente ao anteprojecto sobre os cursos de especialização tecnológica, considero que o Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES) deve coordená-los e o CRUP deve ter também um papel preponderante. No que diz respeito ao acesso especial, o CRUP entende de que a impossibilidade, prevista no anteprojecto, de os maiores de 23 anos concorrerem ao ensino superior deve ser levantada.

O MCTES estipulou que a avaliação das instituições fosse obrigatória. Considera esta medida importante?

As universidades e o CRUP sempre pugnaram pela avaliação. E deve ser caso único em Portugal, instituições que pedem uma avaliação. E mais, andam atrás do Governo para fazer legislação sobre isto. Se há hoje avaliação dos cursos, foi porque as universidades insistiram nesse ponto.

Qual o papel do CRUP, também na própria definição de estratégias para o ensino superior português?

O CRUP dá pareceres em diversas matérias relacionadas com o ensino superior e deve ser ouvido em todas as questões. Não delibera, mas faz recomendações. A nível interno, pode tomar iniciativas, como o recente estudo sobre ordenamento da oferta de cursos. Este trabalho determina que, das 800 designações de cursos nas instituições universitárias portuguesas, se passe para 120. Sem dúvida que esta proposta é importante para racionalizar a oferta dos cursos em Portugal.

Quais os principais desafios do seu mandato enquanto presidente do CRUP?

A implementação do processo de Bolonha é um desafio importante. Além disso, há a questão da autonomia, do estatuto da carreira docente e da investigação.

A internacionalização é outra matéria fundamental. Para além de projectos de colaboração com instituições internacionais, que se tem vindo a fazer, nomeadamente através do programa Sócrates/Erasmus, pretendemos alargar a colaboração também para os países de língua oficial



As primeiras 5 pessoas a aparecerem hoje com este jornal na secção de jornalismo da AAC, serão premiadas com um convite duplo para a anteestreia de hoje no

Cinema Lusomundo Dolce Vita,
às 21h30 e um **Poster** do filme.
Oferta limitada.

PUBLICIDADE

Bolonha é um desafio importante”

portuguesa e os países ibero-americanos. Deve-se ainda abrir o espaço português ao estudante estrangeiro. O CRUP apresentou uma proposta ao Governo para legislar este estatuto, que seria ideal para preencher vagas de cursos nacionais com poucos estudantes. Estes alunos pagariam uma propina que traduzisse o custo real do curso.

Este processo de internacionalização devia ainda estender-se a docentes e funcionários, e incluir projectos de investigação e pós-graduações em conjunto. Antes do final do meu mandato, espero ter este objectivo da internacionalização concretizado.

O CRUP propôs ao Governo uma nova fórmula para o financiamento das instituições. Quais as principais alterações que pretendiam?

A principal era a introdução da quantificação da qualidade. Consideramos que a componente da investigação devia ter uma parcela que dependia da quantidade de doutores, mestres, dos resultados da avaliação das instituições. Mas também devia ter em conta situações especiais que não dependessem do número de alunos. Por exemplo, a biblioteca e os museus existentes na Universidade de Coimbra têm de funcionar, quer exista um aluno ou um milhão. Esses custos não podem ser indexados ao número de estudantes existentes.

Qual o seu comentário em relação aos cortes orçamentais para as instituições universitárias?

As verbas consagradas no Orçamento de Estado para 2006 ficaram aquém do esperado. Tem-se assistido a muitos casos em que 80 a 90 por cento do financiamento do Estado é para pagamento de vencimentos. Entendo que a fórmula deve ser 85/15. Isto é, 80 a 90 por cento para assegurar o normal funcionamento das instituições e o restante para o pagamento de vencimentos.

Qual deve ser o papel da propina no ensino superior?

A propina é um problema político. Compete ao Governo decidir o que fazer nesta matéria. A propina pode ter valor zero para o partido político que está no Governo e ter um valor diferente para outro. É a história do cheque-ensino. Quando foi feita a nova lei de financiamento que estipulava a propina mínima e a máxima, defendi sempre a máxima, para depois o Estado não vir dizer que as universidades não têm dinheiro. Mas só o fiz mediante uma condição: se houver algum aluno que abandone o ensino superior por falta de dinheiro para o pagamento de propinas, tragam-no até mim; e isso não aconteceu.

Mas acha que se está a abrir uma lógica de

concorrência entre as universidades, que se vêem obrigadas a fixar a propina máxima?

Não me parece. A diferença entre o valor mínimo e máximo da propina não é tão substancial para levar a que alunos escolham uma universidade em detrimento de outra só porque o valor da propina é mais baixo. No entanto, não concordo que a propina seja atribuída pelas universidades em vez do Estado. Este é um problema político, que deve ser da responsabilidade do Estado. Mas, a partir do momento em que foi legislado, aceitei-o.

Mas então, para que serve a propina?

A propina deve ser canalizada para a melhoria da qualidade das instituições, mas tal não acontece em muitos sítios, porque as propinas servem é para pagar vencimentos. Mas também há quem consiga pôr essas verbas ao serviço da qualidade, o que é extremamente importante.

Como vê a possibilidade das instituições privadas poderem conferir grau de licenciatura em medicina?

Não sou contra as universidades privadas, não posso sé-lo. Sou por universidades, ou seja, as instituições que têm doutores que fazem investigação, de onde saem novos doutores. Uma instituição que faça isso deve ter o direito de existir.

É a favor da criação de uma universidade em Viseu?

Não faz sentido a criação de mais universidades em Portugal. Penso que temos universidades a mais.

Qual a solução para os cursos com poucos alunos?

A internacionalização poderia ser uma das soluções. Alguns desses cursos têm docentes de elevada categoria. Porque não conseguir alunos estrangeiros para esses cursos? É o que acontece nos Estados Unidos da América. Neste momento é impossível. Outra solução é abrir esses cursos numa só instituição do país. Outra alternativa, mais drástica, é acabar com as licenciaturas. No entanto, a primeira opção é a melhor.

Entrou este ano em vigor a nota mínima obrigatória no acesso ao ensino superior de 9,5 valores. A medida gerou muita polémica. Concorda com as críticas?

A minha maior crítica é que ela nunca tenha existido, porque o facilitismo nunca conduz a nada de positivo. Quando o aluno sabe que não precisa de 9,5 para entrar, pode não fazer todo o esforço para tirar essa nota. E depois são enganados. Entram, não têm as bases e depois vão reprovando. De acordo com um estudo da Universidade Técnica de Lisboa sobre o percurso escolar, todos os estudantes que entravam com uma média superior a 15 nunca reprovaram. Os



"As universidades e o CRUP sempre pugnaram pela avaliação"

que tinham entre 12 e 15 tiveram percalços. Aqueles que entraram com menos de 12 valores sofreram maioritariamente de insucesso escolar. O que é importante é que a nota mínima e o acesso sejam feitos com base em disciplinas nucleares e coerentes com o curso, e que estas sejam iguais para todas as instituições.

Defende que as universidades devem ter um papel de intervenção no desenvolvimento. De que forma é que isso se concretizaria?

A nível da qualificação de quadros e transmissão de conhecimento. A formação concorre para o desenvolvimento da sociedade. Por exemplo, a Universidade da Beira Interior colaborou na reestruturação dos objectivos das fábricas de têxteis na região, que mudaram os seus produtos, desenvolvendo-as. E as que não recorrem a este estudo faliram.

Qual deve ser o papel das universidades no desenvolvimento do plano tecnológico?

Falo em termos teóricos: é um plano feito para desenvolver o país a nível tecnológico. As universidades podem e devem contribuir para o plano tecnológico, seja no aspecto do desenvolvimento de novos saberes ou no sentido da formação das pessoas.

Entrevista na íntegra em acabra.net

Perfil

José Lopes da Silva é desde Junho de 2005 presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas. Antes da eleição era responsável pelas relações internacionais do CRUP, e nessa qualidade apresentou dois projectos que visam regularizar o estatuto do estudante internacional e o estabelecimento de intercâmbios com o Brasil.

Engenheiro Químico Industrial de formação, licenciou-se e é professor catedrático no Instituto Superior Técnico de Lisboa, a mesma escola onde se formou o ministro Mariano Gago.

Reitor da Universidade Técnica de Lisboa desde 1999, deixará o cargo quando completar 70 anos de idade, em Março de 2007. O mesmo limite de idade vai impedir-lhe de exercer o mandato de três anos à frente do CRUP.

Editorial

Repensar
o ensino superior

O Governo aprovou quinta-feira passada o fim dos exames "ad hoc" para o acesso de maiores de 23 anos ao Ensino Superior. Desta forma, passam a ser as próprias instituições universitárias a fazer a seleção dos candidatos, tendo em conta a especificidade de cada curso.

Sem dúvida uma medida importante para atrair mais estudantes para o ensino superior. Quando Portugal apresenta a menor taxa de licenciados da Europa, esta não deixa de ser uma estratégia certeira.

O próprio ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior considerou que a aprovação deste diploma representa "um passo para a democratização" do sistema de acesso de estudantes adultos ao ensino superior, sobretudo os que estão inseridos na vida activa. Para este, o anterior regime de exames "ad hoc" era uma das causas de atraso de Portugal em relação a outros países da União Europeia.

Por outro lado, é fundamental reorganizar este sistema de ensino através de uma reestruturação dos próprios cursos. Mais do que se pensar em criar novas universidades, é preciso, acima de tudo, arranjar uma solução para a oferta de cursos.

Está mais do que na hora de pôr fim às hipocrisias do costume: não se pode baixar a média de acesso a Medicina e não se podem criar mais vagas para esta licenciatura.

Quando o país tem escassez de profissionais na área da saúde, é paradoxal que todos os anos vão estudantes portugueses tirar a sua formação no estrangeiro, sobretudo em Espanha. E depois, os centros hospitalares nacionais recebem números significativos de profissionais espanhóis.

Direito é outro caso crítico. Há muito que o mercado nacional está saturado de advogados, mas diminuem-se apenas subtilmente as vagas para esta licenciatura. Por exemplo, só na Universidade de Coimbra entram por ano 330 estudantes para o curso de Direito.

A solução não passa, nem pode passar pela extinção de cursos, pois isso seria um apelo ao cinzentismo e um retrocesso no desenvolvimento do país. No entanto, também não se pode deixar de encarar de forma firme esta realidade. Inevitavelmente, têm de ser as necessidades do mercado de trabalho a ditar a oferta de cursos e pós-graduações.

Além disso, as propostas do presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), Lopes da Silva, (em entrevista a A CABRA) para responder aos cursos com poucos alunos não podem deixar de ser equacionadas, em prol de um ensino superior de qualidade.

Margarida Matos

Bolonha: processo ou compromisso?

*Cristina Robalo Cordeiro

Diz-se, em literatura, que o escritor vive a angústia da criação no espaço de um "já-dito" por todos quantos antes dele se aventuraram na arte da escrita. Falar sobre o Processo de Bolonha parece caber nesta categoria de um esgotamento de ideias, pontos de vista, documentos... num mar revolto de entusiasmos e receios, adesões e protestos, encontros e desentendimentos! Rios de tinta correram já desde o dia em que três dezenas de ministros europeus da Educação assinaram, em coro afinado de peritos detentores de poder, a famosa Declaração de Bolonha!

No mundo universitário, a inquietação provocada pelo vasto conjunto de reformas que este processo implica não pode ser senão salutar: se a dúvida e o questionamento fazem parte integrante do exercício (quotidiano) da inteligência, como poderia então a ideia da Europa universitária escapar ao exame crítico, severo e minucioso de quem constrói sempre ideias e convicções a partir de uma reflexão sistemática, de uma contestação metódica, de uma urgência de pensar? Mas não confundamos espírito crítico e atento com imobilismo e rejeição cega! Não queiramos ser nós a tapar o sol com a peneira, dizendo justamente que nos estão a tapar o sol com a peneira!

É certo que as universidades europeias se confrontam com contradições que a Declaração de Bolonha deixa transparecer: a que opõe preocupação de qualidade – leia-se, de "excelência" – e vontade de democratização; a que cria uma tensão entre a necessidade de harmonizar e a legítima vontade de conservar uma identidade própria; a que consiste – e é particularmente sensível para instituições como a nossa – em conferir valor ao passado cultural, ao património histórico, modernizando estruturas capazes de afrontar a concorrência, sem ruptura com a tradição.

Uniformização, atrofia da diferença, elitização, competição desenfreada, lei de mercado, utilitarismo, empregabilidade premente (e precoce), são outros tantos termos que podemos acrescentar ao rol dos riscos, dos perigos e dos medos que a implementação do processo de Bolonha poderá acarretar. Em Portugal, acrescenta-se ainda uma responsabilização da tutela, que remete para as instituições de ensino superior opções que a ela caberia tomar e se demite de decisões sem as quais mais não fazemos do que caminhar na areia movediça da indeterminação.

Mas quem negará a importância e o interesse do que está em jogo neste traçado de novos projectos e de uma nova organização pedagógica, que nos obriga a rever os con-

ceitos de ensino e de aprendizagem, de professor e mestre, de aluno e discípulo, e onde cabem as palavras desafio, aventura e utopia? Quem acreditará que, sob o signo de uma autonomia solidária, o espaço europeu de ensino superior se reduza a um xadrez de graus académicos, a uma aritmética de créditos ou a um jogo de competências (mais ou menos claramente definidas ou definíveis), como se fosse uma ideia feita, uma casa entregue "clef en main", e não – como deve ser! – um estaleiro que requer o esforço, a participação, o contributo voluntário, consciente e entusiasta de todos nós? Quem recusará que, no caminho da internacionalização, tudo seja prioritário: a inteligibilidade e a comparabilidade de graus universitários e de ciclos de formação, a adopção de um sistema comum de créditos (ECTS), o Suplemento ao diploma, os desenvolvimentos curriculares, os duplos diplomas, a formação ao longo da vida, a aprendizagem de línguas estrangeiras, a promoção da mobilidade, a compreensão intercultural para um verdadeiro encontro entre experiências culturais diferentes?

É nosso dever garantir o respeito cabal pela qualidade de ensino e de investigação que a Declaração de Bolonha exige e que os verdadeiros desafios com que a universidade é hoje confrontada implicam. Por essa razão, entendeu o Senado da Universidade de Coimbra não estarem reunidas as condições para iniciar, no ano lectivo de 2006-2007, a aplicação generalizada deste processo, recomendando à comunidade universitária a prossecução do trabalho de reestruturação curricular já iniciado pelas várias Faculdades e a reflexão sobre a renovação das metodologias de ensino/aprendizagem, em articulação com as outras universidades portuguesas e procedendo a uma análise comparativa com modelos europeus. Nesse sentido, e para que os novos planos de estudo, decorrentes do modelo adoptado para os 1º e 2º ciclos de formação, possam entrar em vigor em Setembro de 2007, está em curso um plano de ação, envolvendo professores e estudantes, que visa acompanhar a reflexão e o trabalho realizado para todas as licenciaturas leccionadas na Universidade de Coimbra, e nomeadamente no que diz respeito à organização do sistema de créditos ECTS e sua fundamentação, com base no trabalho estimado para cada unidade curricular, à apresentação dos objectivos visados pelos ciclos de estudos e à demonstração da adequação das metodologias de ensino à aquisição de competências e aos objectivos fixados para cada curso.

Vamos trabalhar com seriedade e espírito vigilante ao longo de 2006. Porque, para a Universidade de Coimbra, o Processo de Bolonha é, mais do que um compromisso, um comprometimento. Crítico e activo. De todos e para todos!

* Vice-reitora para o Ensino e a Pedagogia

Campanha contesta Bolonha

“Comboio da Europa” arranca hoje

A Declaração de Bolonha é o tema da nova campanha de sensibilização que a direcção-geral põe na rua até ao final do semestre

Olga Telo Cordeiro

A Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) lança hoje uma campanha sobre o processo de Bolonha. De acordo com Fernando Gonçalves, presidente da DG/AAC, “este será um ano fundamental para se definir o que se pretende para o futuro do ensino superior, porque Bolonha vai arrancar, na UC, em Setembro de 2007”. Por este motivo a acção de sensibilização vai prolongar-se até ao final do ano lectivo, em várias etapas.

A primeira comece hoje e estende-se até 24 de Fevereiro, com a distribuição de faixas, cartazes e flyers em toda a Universidade de Coimbra, com um conjunto vasto de questões sobre a declaração. A intenção é, segundo Fernando Gonçalves, levar o estudante a agir. “Queremos tentar perceber a sensibilidade e quais as dúvidas” e levar a “que os próprios estudantes se questionem sobre o que é, e o que se vai passar com Bolonha”, esclarece o dirigente estudantil.

A campanha, denominada “Comboio da Europa”, pretende ser mais do que informativa. O objectivo é levar “os estudantes

a agir ou reagir face ao que se está a passar no ensino superior, e ao desnorteio relativamente a Bolonha”, acrescenta. O estudante de Direito não afasta a hipótese da campanha incluir uma manifestação. “É algo que vamos também avaliar. Iremos sentir o pulsar dos estudantes e tentar perceber qual o grau de informação que têm”, salienta.

No dia 5 de Março, inicia-se a segunda fase, com uma conferência denominada “Bolonha e a Universidade de Coimbra”, que vai juntar à volta da mesa de discussão os estudantes dos órgãos de gestão da UC. Fernando Gonçalves adianta que se pretende com a iniciativa “fazer uma ampla discussão com os dirigentes asso-

ciativos relativamente àquilo que está a ser feito neste âmbito”. A reunião vai servir para discutir Bolonha, mas também para definir uma estratégia de acção em todos os órgãos de governo da universidade.

Nos dias que se seguem à conferência, têm lugar várias Reuniões Gerais de Alunos e acções de sensibilização e contestação. A partir do próximo dia 5, a campanha continua “com uma nova força” nas faculdades, com flyers já a explicar a posição da AAC. A direcção-geral pretende ainda nesta fase reunir com todos os presidentes dos órgãos de gestão das faculdades e com os vários núcleos de estudantes.

RUI VELINDRO



Começa hoje a primeira etapa do “Comboio da Europa”

AAC descontente com alterações à lei do associativismo

Fernando Gonçalves considera que a nova legislação vai cortar direitos às associações de estudantes e impor-lhes novos deveres

A Academia de Coimbra está contra a nova lei do associativismo jovem, votada quinta-feira, 9 de Fevereiro, na Assembleia de República. O documento estabelece um estatuto equiparado para as associações de estudantes, juvenis e culturais. O presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Fernando Gonçalves, não aceita o estatuto, por considerar que “uma associação cultural local é diferente

de uma associação de estudantes”. No seu entender, esta última “tem uma vertente política e mais reivindicativa”, e acusa o governo de ter “falta de visão política”.

O dirigente pensa que, com a nova lei, a AAC pode perder cerca de 60 mil contos por ano, devido à perda de regalias ou benefícios fiscais. Com a anterior legislação, a academia coimbrã podia recuperar o IVA. Agora, esta situação verifica-se apenas com actividades que envolvam valores superiores a sete vezes o salário mínimo nacional. As associações estudantis perdem também benefícios, como a redução nas tarifas fiscais e telefónicas de que usufruiam até agora.

O documento não especifica qual a fórmula de financiamento para as associa-

ções e Fernando Gonçalves teme que as verbas atribuídas pelo Governo sejam reduzidas em cerca de 11 a 30 por cento. O presidente da DG/AAC considera que o Governo incute assim uma lógica de profissionalização às associações de estudantes.

Outra das alterações que Gonçalves também critica é a imposição da existência do pagamento de uma cota por parte dos sócios efectivos das associações de estudantes. O dirigente considera que devem ser estas “a definir as categorias dos seus próprios sócios” e garantiu que vai tentar, neste ponto, contornar a lei.

Fernando Gonçalves apontou ainda o dedo à perda de regalias dos dirigentes associativos, nomeadamente no que diz respeito à época especial de exames.

Governo regula Bolonha

Raquel Mesquita

No passado dia 9, o Governo aprovou um conjunto de decretos-lei que regulamentam a implementação em Portugal do Processo de Bolonha.

O diploma pretende definir os objectivos de cada ciclo de estudos e clarifica a diferença de objectivos entre o ensino politécnico e universitário. Entre outros aspectos, fixa, para cada curso, o sistema de créditos ECTS, 180 nos politécnicos, e de 180 a 240 créditos nas universidades.

O documento acrescenta ainda a possibilidade de utilização de línguas estrangeiras em qualquer grau académico, bem como a fixação de um valor igual de propinas nos mestrados e cursos de licenciatura. Isto, no caso de se tratar de um ciclo de estudos integrado com a licenciatura ou quando o mestrado seja fundamental no exercício da profissão.

As alterações legislativas prevêem ainda a eliminação do anterior regime de exames ‘ad hoc’ para maiores de 23 anos de idade. A responsabilidade da selecção dos candidatos passa agora para os respectivos estabelecimentos de ensino, de acordo com o curso e com o tipo de candidatos.

Também referente a Bolonha, foi aprovada, na última reunião do Senado Universitário de Coimbra, no passado dia 1, uma calendarização das acções com vista à implementação das reformas do processo até ao ano lectivo de 2007/2008.

Segundo a vice-reitora Cristina Robalo Cordeiro, a “calendarização vai ao encontro da reestruturação dos cursos, adequando-os às exigências propostas”. A aplicação do Processo de Bolonha na Universidade de Coimbra “é um enorme desafio, mas também uma fonte de oportunidades para o sucesso dos graduados”, referiu ainda.

A medida foi encarada como positiva pelo presidente da Direcção-Geral da Associação Académica, Fernando Gonçalves, que mencionou que “é importante, para que se saiba quais as etapas a serem cumpridas”. A calendarização é acompanhada por duas medidas fundamentais: uma reflexão estratégica, para melhorar a formação em todos os programas de ensino, assim como a criação de um sistema de avaliação da qualidade, para que os recursos humanos e financeiros sejam mais rentabilizados, permitindo, ao mesmo tempo, responder às avaliações internacionais.

O Senado aprovou ainda um Suplemento ao Diploma que se enquadra nas recomendações de Bolonha. O documento vai descrever a preparação específica do estudante fora da actividade regular na universidade.

UC apoia estudantes nos exames

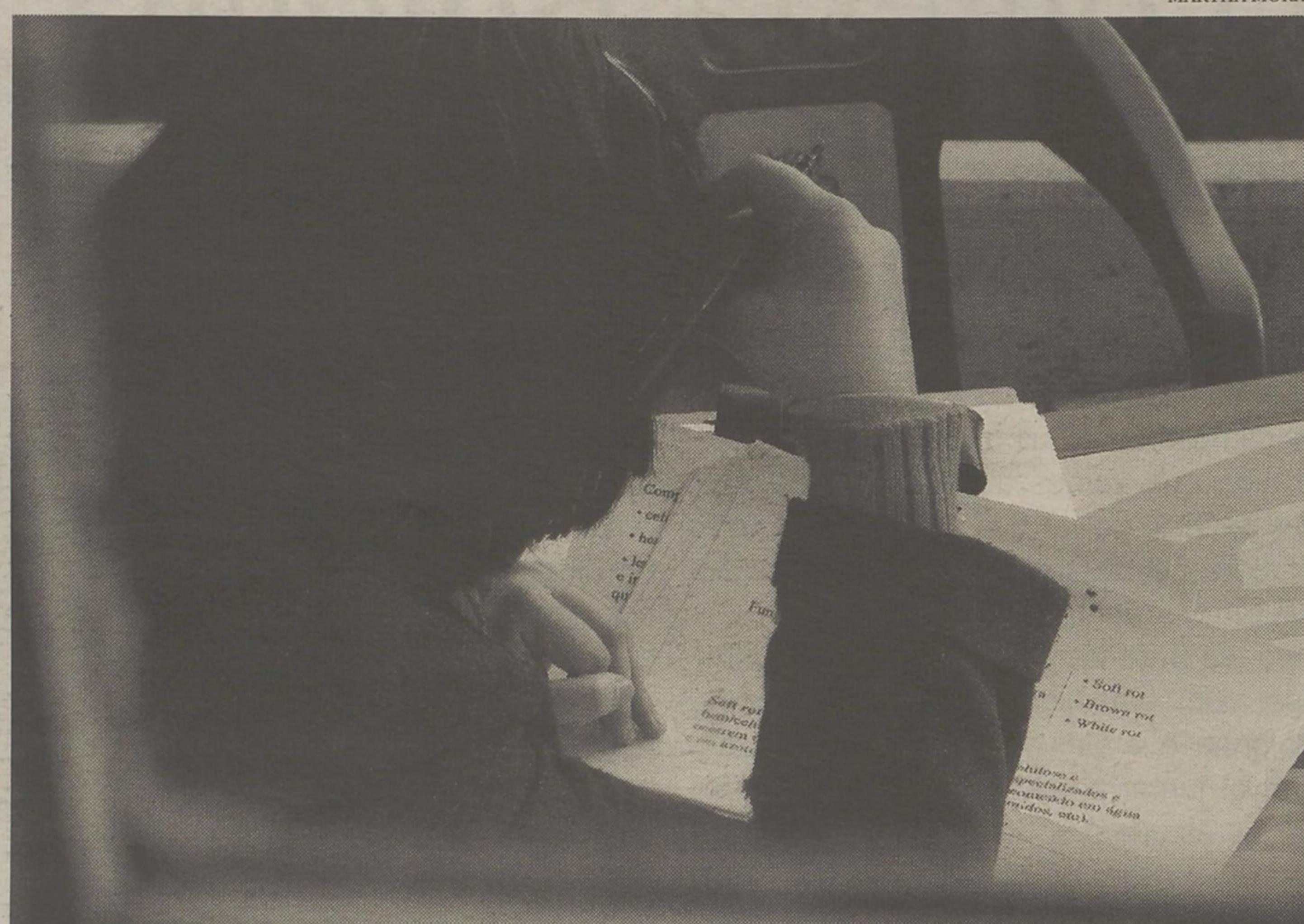
O Departamento Académico da UC disponibiliza aos estudantes acompanhamento psicológico na época de estudo, mas o serviço não é conhecido por muitos

Marta Costa
Raquel Mesquita

As cantinas à noite ganham uma nova vida, abrindo as portas para as centenas de alunos que se juntam para estudar. As horas de sono acabam por ser trocadas por longos serões, e não são poucos os que sofrem uma pressão exagerada, ansiedade e até sintomas de depressão.

O sucesso académico é hoje em dia um tópico de alguma relevância. Assim, ainda que cada vez mais adolescentes tenham acesso ao ensino superior, a taxa de sucesso escolar tende a diminuir, segundo um estudo da docente do Instituto Superior Técnico de Lisboa, Isabel Gonçalves. Para responder a estas necessidades, as instituições universitárias atribuem uma importância cada vez maior a serviços de apoio aos estudantes. A Universidade de Coimbra (UC) não é exceção.

A funcionar desde 1999, o Gabinete de Apoio Psico-pedagógico do Departamento Académico da UC intervém ao nível da promoção do sucesso escolar. De acordo com a coordenadora do serviço, Rosário Ataíde, o "gabinete presta apoio a estudantes com problemas de foro pessoal, ligados a questões emocionais, entre os quais a ansiedade e a depressão". O objectivo, afirma a



A ansiedade e a depressão afectam muitos alunos durante o período de estudo

psicóloga, é "aumentar o sucesso dos estudantes, através de estratégias de apoio pessoal, de forma a que consigam fazer o percurso escolar com o melhor bem-estar possível, em termos pessoais e sociais de integração".

De acordo com a responsável, "a pressão na época de exames é muita, porque, de modo geral, os alunos deixam tudo para a última hora". Desde a procura de apontamentos a sítios para estudar, passando pela falta de motivação e a falta de métodos de estudo, tudo ajuda a que esta seja uma altura de crescente ansiedade entre a população estudantil. "Através de consulta, do apoio individualizado, com uma pessoa especializada, tentamos resol-

ver a dificuldade do estudante", acrescenta Rosário Ataíde.

As razões que levam os estudantes a procurar estes serviços são várias. O rendimento escolar, a ansiedade social, sintomas depressivos e motivos de natureza pessoal são alguns dos exemplos mais apontados pela psicóloga. No ano passado, mais de 200 alunos procuraram o apoio do gabinete. No entanto, grande parte dos estudantes desconhece a existência destes serviços. Mas a grande razão para não procurarem a ajuda disponibilizada é, segundo alguns estudantes, a falta de tempo.

Para além do trabalho pessoal e individualizado, o gabinete tem feito também outro tipo de actividades para promover o sucesso escolar do estudante. Rosário Ataíde explica que têm sido feitas "acções de formação sobre métodos de estudo, porque saber estudar adequadamente pode ser uma forma de prevenir e combater o insucesso escolar, e a questão da ansiedade".

A atenção, a memorização, a organização e a gestão de tempo são alguns dos problemas focados em 'workshops' que têm vindo a decorrer mensalmente desde o início do ano lectivo. Embora não seja evidente uma maior incidência de participantes de qualquer uma das diferentes faculdades, é notória uma maior adesão por parte do sexo feminino, dos alunos dos primeiros anos.

A ansiedade aos olhos dos estudantes

"Já tive um princípio de esgotamento nervoso e os exames ajudaram bastante para isso", afirma Helena Duro, estudante da facultade de Direito. A aluna admitiu ter recorrido a fármacos para controlar a ansiedade. "No meu primeiro ano, tinha de tomar calmantes antes de ir para os exames, mas, com o passar do tempo, consegui controlar isso".

Apesar de nunca ter sofrido de depressão, João Guedes, estudante de Direito, admite ter problemas de concentração e falta de organização de tempo e estudo. "Como chumbei o ano passado é maior a pressão, é preciso obter re-

sultados". O aluno conhece da existência do Gabinete de Apoio Psico-pedagógico, mas nunca recorreu à sua ajuda.

Também Rita Silva, estudante do 3º ano de Medicina, admite ter falta de concentração no primeiro ano. "Não conseguia gerir a quantidade de matéria que tinha para estudar. Foi complicado arranjar métodos de estudo. Prefiro estudar em locais onde esteja mais gente a estudar, sinto-me mais motivada". A estudante desconhece a existência do gabinete e referiu que apenas conhecia o apoio da Linha SOS Estudante da Associação Académica de Coimbra.

Cantinas contornam lei que proíbe galheteiros

Rui Pestana

Numa tentativa de contornar a lei que obriga a servir o azeite em embalagens descartáveis, as cantinas da Universidade de Coimbra vão passar a servir azeite temperado com ervas aromáticas. A medida deverá permitir que os tradicionais galheteiros continuem disponíveis nas cantinas.

Desde 11 de Janeiro que é obrigatório servir o azeite em embalagens invioláveis. Na origem das novas exigências, impulsionadas pela União Europeia, estão motivos de higiene e a impossibilidade de adulterar o produto.

Quem não cumprir as novas regras incorre em multas que podem ir até aos 44 890 euros. A entidade responsável por fiscalizar o cumprimento das novas normas é a recém-criada Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE).

De acordo com o administrador dos Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra (SASUC), António Luzio Vaz, "o azeite com ervas aromáticas é, em termos técnicos, um molho". O administrador aceita que "servir azeite em galheteiros é efectivamente ilegal". Contudo, acrescenta que "se temperarmos o azeite com ervas aromáticas, então já é um molho e não há problema nenhum".

Para Luzio Vaz, misturar ervas aromáticas no azeite é uma forma de o tornar um "molho altamente enriquecido". O administrador dos SASUC afirma que "esta solução vai manter-se, para já, mas continuam à procura de propostas, no sentido de encontrar a solução mais adequada". Luzio Vaz realça ainda que, "felizmente, nas nossas cantinas, há anos que não há nenhuma intoxicação".

Fora de hipótese está um aumento do preço das refeições. Segundo o Administrador dos SASUC, qualquer que seja a solução a encontrar, "o estudante está de tal modo na mira do favorecimento que nem me passou pela cabeça aumentar os preços".



Pelourinho da Cultura
DG/AAC 2006

Baile de Máscaras
21 Fevereiro

Cantina dos Grelhados

23h

PUBLICIDADE



Estabelecimento prisional deverá ter novas instalações na zona de Souselas

Coimbra vai ter novas instituições judiciais

Obras devem arrancar já este ano

A abertura do novo Palácio da Justiça está prevista para 2009. Nova penitenciária também avança

Ricardo Machado

A construção do novo Palácio da Justiça em Coimbra vai arrancar já este ano. De acordo com o secretário de Estado Adjunto e da Justiça, José Conde Rodrigues, é um projecto que se insere dentro do Orçamento de Estado de 2006. O responsável reuniu na passada semana com o presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, encontro do qual saiu essa garantia.

O Plano de Investimentos e Despesas de Desenvolvimento da Administração Central (PID-DAC) deste ano dispõe de 10 milhões de euros para os projectos dos novos Palácios de Justiça de Coimbra, Lisboa e Porto. No entanto, a quantia adiantada pelo Orçamento de Estado para o projecto em Coimbra é de um milhão de euros.

As obras da futura instituição vão arrancar em terrenos que actualmente são ocupados pelos Serviços Municipalizados de Transportes Urbanos de Coimbra (SMTUC), na zona da Guarda Inglesa. De acordo com José Conde Rodrigues, o terreno foi escolhido pelas suas dimensões, capazes de respeitar determinadas exigências próprias aos tribunais, nomeadamente a disponibilidade de estacionamentos com reserva ou acessos próprios para carros celulares.

Outra das razões apontadas, em declarações à

imprensa, residiu na boa localização relativamente à proximidade e acesso à cidade.

Dos vários serviços judiciais que serão concentrados na futura instituição, Alberto Costa, Ministro da Justiça, afirmou ao jornal Público ser prioritária a mudança dos tribunais criminais e de trabalho, que alegou estarem "mal instalados".

Em relação ao destino do velho Palácio de Justiça, situado na rua da Sofia, ainda não foi avançada qualquer decisão. Apesar do secretário de Estado Adjunto e da Justiça não adiantar prazos, é intenção do Governo concluir o novo palácio dentro de dois anos e meio.

Penitenciária prevista para Souselas

Além do projecto do palácio, também o novo estabelecimento penitenciário poderá avançar já este ano. O orçamento de 2006 reserva para a nova prisão 550 mil euros, inscritos no PIDAAC.

Para que seja possível dar andamento ao processo, está a ser avaliada uma operação para diminuir os custos da construção do futuro estabelecimento. A hipótese observada consiste na viabilização de investimentos imobiliários numa parte dos terrenos ocupados pela actual prisão, no centro da cidade.

Desta forma, a construção do futuro edifício, na zona do Botão, em Souselas, está dependente da venda ou permuta do terreno da velha penitenciária. Paralelamente, este processo de rentabilização das actuais instalações pode verificar-se também no caso da nova sede da Polícia Judiciária de Coimbra, que deverá ser construída no Planalto de Santa Clara.

Levantamento fotográfico do centro histórico avança

João Campos

Nos próximos três meses, vai ser feito o levantamento fotográfico dos edifícios relevantes da arquitectura universitária, urbana e monumental do centro histórico de Coimbra, ao abrigo da preparação da candidatura da Alta Universitária a Património Mundial da UNESCO.

A iniciativa foi alvo da assinatura de um protocolo, no passado dia 3, entre o presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação, o reitor da Universidade de Coimbra (UC), Seabra Santos, e o presidente do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), Elísio Summaville. O objectivo passa por juntar as três instituições para acções de estudo, análise, intervenção e divulgação da zona envolvida, para preservação e beneficiação do património.

O levantamento visa sobretudo três tipos de edifícios do centro histórico: arquitectura civil/universitária, arquitectura civil/urbana e arquitectura monumental e religiosa. O custo do projecto (cerca de 15 mil euros) vai ser suportado por igual pelas três partes envolvidas. A obra vai ser entregue ao fotógrafo Luís Ferreira Alves, autor de trabalhos sobre os centros históricos do Porto e de Guimarães.

No final do levantamento, previsto para Maio, a autarquia, a universidade e o IPPAR vão receber 225 fotografias (75 para cada uma das instituições), as quais serão cedidas gratuitamente entre as três partes do protocolo. Além disso, está prevista a compilação das imagens numa publicação produzida pela UC, no âmbito da candidatura da Alta a Património Mundial.

Ilustres dão nome a novas ruas

Rui Simões

A vidente de Fátima, Irmã Lúcia, e o antigo presidente da Académica – OAF, João Moreno, estão entre as personalidades cujos nomes passam a designar cinco novas ruas de Coimbra, inauguradas no sábado, 11.

Os arruamentos localizam-se na Urbanização da Casa Branca, freguesia de Santo António dos Olivais, e, além dos nomes de Irmã Lúcia e de João Moreno, homenageiam também os de Nunes Vicente, Raúl Ferrão e Jaime Braz de Carvalho.

Nunes Vicente (1920-1987) foi um catedrático de Medicina, especialista em Neurologia e Psiquiatria. Raúl Ferrão (1890-1953) dedicou a sua vida à composição de música ligeira. Por seu turno, Jaime Braz de Carvalho (1934-2003) distinguiu-se como autarca (foi vereador da Câmara Municipal de Coimbra [CMC]) e dirigente da Associação Comercial e Industrial de Coimbra.

Ainda assim, as duas individualidades mais conhecidas são a Irmã Lúcia (1907-2005) e João Moreno (1931-2004). Lúcia foi uma das videntes que, em 1917, terá assistido à aparição de Nossa Senhora na Cova da Iria. A religiosa viveu no Carmelo de Santa Teresa, em Coimbra, desde 1948 até à sua morte, em Fevereiro do ano passado. Já João Moreno destacou-se como médico (e presidente do Centro Hospitalar de Coimbra), e dirigente da Académica/Organismo Autónomo de Futebol, clube que presidia à data da sua morte, em 2004.

O vereador da Cultura da CMC, Mário Nunes, explica que a iniciativa, promovida pela Comissão de Toponímia, tem por objectivo "testemunhar a gratidão da cidade a pessoas que, ao longo das suas vidas, deram muito à cidade", perpetuando-as em espaços que até agora não tinham nome, como os novos arruamentos da urbanização da Casa Branca.

Regionalização volta a ser discutida

Esquerda pretende retomar o debate, enquanto direita se mostra apreensiva

Partidos reconhecem necessidade de descentralizar o poder, mas nem todos concordam com a realização de um novo referendo

Rui Antunes
Sofia Piçarra

Oito anos depois do referendo nacional sobre a regionalização, o tema volta a ser motivo de debate entre a classe política portuguesa.

Esquerda e direita defendem posições opostas, mas o consenso é geral quanto à necessidade de descentralizar o poder administrativo. Agostinho Branquinho, candidato à presidência do Partido Social Democrata Porto, assumiu a questão como bandeira da sua candidatura. O Presidente da República, Jorge Sampaio, em final de mandato, defende um regresso à discussão, por considerar que os portugueses estão agora muito mais receptivos à questão da regionalização.

O Partido Socialista não pretende discutir o assunto nesta legislatura, e considera que apenas em 2009 vão estar reunidas as condições necessárias para uma descentralização coerente. Para Vitalino Canas, deputado do PS, a regionalização não é uma questão prioritária na agenda política do Governo, mas admite que é "um tema a que Portugal terá que regressar em momento oportuno". O também porta-voz do PS acrescenta ainda que, implementada na altura certa, a regionalização "poderá contribuir para uma maior proximidade entre a decisão da administração pública e os cidadãos". Os socialistas foram os principais derrotados do referendo de 1998 (ver caixa), quando o país chumbou a proposta, com uma expressiva vitória do "não", que obteve 60,8% dos vo-

Regionalização: o que é?

A regionalização consiste num processo que conduz a uma nova divisão administrativa do território nacional. A actual disposição do território não sofre alterações desde o século XIX. A definição de regiões, pela sua importância, tem a obrigação constitucional de decisão exclusiva por referendo.

As regiões administrativas estão previstas na Constituição como pólos de "direcção de serviços públicos e tarefas de coordenação e apoio à acção dos municípios no respeito da autonomia destes", bem como a elaboração de planos regio-

tos. O deputado justifica os resultados considerando que "faltou essencialmente o esclarecimento".

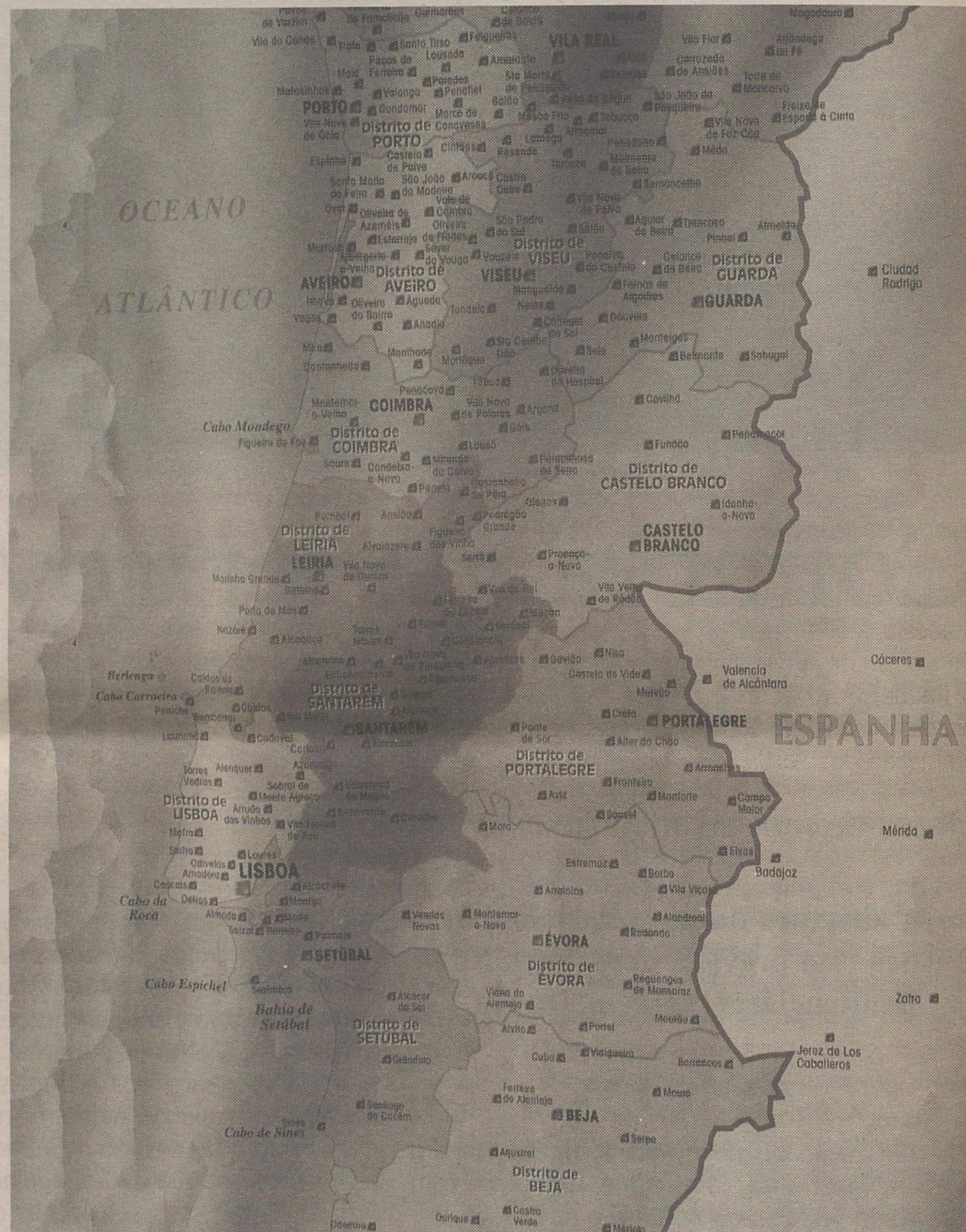
Já para os sociais democratas existem outros problemas mais urgentes no país. Zita Seabra, deputada do PSD, segue a linha também assumida pelo líder do partido, Marques Mendes, e afirma que "temos Estado a mais". Para resolver a situação, a deputada defende que é necessário seguir uma política descentralizadora, que "aproxime o poder central dos cidadãos". Seabra vai mais longe ao afirmar que "a regionalização não resolve rigorosamente nada" e aponta como solução uma "regionalização empresarial", que crie riqueza e postos de trabalho. No entanto, não a chocam as diferentes posições dentro do partido, já que a deputada diz que "o PSD é um partido plural, onde existem membros com diferentes opiniões".

Agostinho Branquinho, demarca-se da posição do partido, afirmando-se um inabalável defensor da regionalização, ainda que sob outros moldes. O político queixa-se de falta de apoio à região do Norte e defende uma união supranacional com a região espanhola da Galiza, criando uma "euroregião", com influência na atribuição dos fundos comunitários.

Enquanto isso, o Partido Comunista defende que a regionalização é fundamental para colmatar as assimetrias regionais no país. Os comunistas ressalvam que são o único partido que desenvolveu uma acção concreta acerca do assunto, ao apresentar, já em 2007, uma proposta para alterar a legislação. Honório Novo, deputado comunista, defende a necessidade de "criar as regiões administrativas ainda nesta legislatura", e acrescenta que a regionalização "é uma bandeira eleitoral do PCP". Para o deputado, o processo "é um instrumento necessário para uma distribuição mais racional dos investimentos públicos", e essencial pa-

nais. Desta forma as administrações regionais ganham mais autonomia, funcionando como pequenos "governos" dentro de um Governo nacional.

Em Portugal, foi realizado em 1998 um referendo sobre a regionalização, proposto pelo Governo de António Guterres (PS), apoiado pelo PCP e com o consentimento tácito do então líder do PSD, Marcelo Rebelo de Sousa. Apreensivo, o FMI (Fundo Monetário Internacional) levantou algumas reservas relativamente ao processo, por não o considerar economicamente viável.



A hipótese de uma nova divisão administrativa do país volta a ser discutida, oito anos depois

ra o desenvolvimento dos interesses locais

Opinião semelhante tem Francisco Louçã, líder do Bloco de Esquerda, que considera o debate "necessário e útil, porque se trata de considerar as formas de descentralização do poder. Louçã propõe a criação de "um mecanismo que permita aproximar as discussões sobre os investimentos da política social e da intervenção local", e admite apoiar um projecto coerente que contribua para a diminuição das desigualdades entre as zonas mais ricas e as menos favorecidas".

O Partido Popular, por sua vez, não concorda com uma nova discussão acerca da regionalização, e não lhe reconhece qualquer tipo de benefícios. No entanto, o deputado popular António Pires de Lima tem uma opinião diferente da posição oficial do CDS/PP, e considera fundamental equacionar o funcionamento do Estado central. Segundo Pires de Lima, "Portugal é um estado demasiado centralista, que bloqueia o de-

senvolvimento de tudo aquilo que dista de Lisboa". Pires de Lima acredita "que se deve dar mais autoridade aos municípios" e lança um apelo a que "a esquerda e a direita meditem sobre a forma como o Estado está organizado"

Apesar da divergência de opiniões, existem traços comuns na posição das principais forças partidárias. Há uma preocupação unânime em resolver a centralização do poder administrativo e as assimetrias regionais. Porém, antes de um novo referendo, é necessário o debate em Assembleia da República, a formação de um mapa com as novas regiões, e a consulta em assembleias municipais. Só ultrapassadas estas fases se pode passar ao referendo à população, exigido pela Constituição.

Perante este cenário, há ainda um longo caminho a percorrer. No entanto, os políticos pró-regionalização ganham cada vez mais expressão.

Médio Oriente

Islamitas à conquista do poder

A recente vitória do Hamas na Palestina vem confirmar a crescente "islamização política" no Médio Oriente. Os partidos islâmicos têm aumentado a sua representação, quer nos parlamentos e governos, quer na oposição

Sandra Pereira

O mapa político do Médio Oriente revela a ascensão ao poder de movimentos inspirados no Islão. No Irão, reina a teocracia islâmica com uma maioria conservadora no Governo. No Egito, apesar de ilegalizados, os Irmãos Muçulmanos elegeram vários deputados como independentes, além de serem a principal força da oposição. Os xiitas, no Iraque, e o Hamas, na Palestina, acabam de ascender ao poder. Além disso, a liberalização dos partidos políticos permitiu a vitória islâmica em diversos países, nomeadamente Marrocos, Turquia e Líbano.

Álvaro Vasconcelos, director do Instituto de Estudos Estratégicos Internacionais, afirma que a vitória do Hamas na Palestina só vai influenciar a orientação política de outros países muçulmanos caso existam eleições livres. Neste caso, "os partidos islâmicos terão uma representação parlamentar muito significativa, e vários ganharão as eleições", concluiu.



A vitória do Hamas na Palestina é o exemplo mais recente da subida ao poder de um partido islâmico

Os partidos islâmicos são geralmente considerados radicais e muitos recorrem à violência e ao terrorismo para marcarem as suas posições. Ainda há muitas dúvidas quanto à forma como essas formações políticas assumem o poder. Muitos deles adoptam uma via mais moderada, como no caso da Turquia, onde o Partido Justiça e Desenvolvimento negoceia a adesão do país à União Europeia. No entanto, há casos em que a participação num processo democrático não torna os movimentos islâmicos menos combativos. É o caso do Hezbollah, com deputados no parlamento libanês, que ainda não depõs as armas, como exigiu a Organização das Nações Unidas.

Mas, o que faz a popularidade destes partidos? Álvaro Vasconcelos explica que o sucesso deve-se mais a razões políticas e sociais do que religiosas: "Os nacionalismos árabes fracassaram na construção de um estado de direito e na resolução dos problemas sociais. Impuseram regimes autoritários e esses partidos surgiram como a única alternativa a esses governos". O islamismo foi a solução encontrada para resistir à opressão, buscando valores profundamente enraizados na sociedade. "A justiça foi o baluarte dos islamitas, protegidos pelas mesquitas, que lhes permitiram sobreviver em regimes repressivos", acrescenta o especialista em relações internacionais.

Sudão

ONU PLANEIA POSSÍVEL INTERVENÇÃO

A Organização das Nações Unidas (ONU) prepara missão de paz para a região de Darfur, numa tentativa de acabar com os contínuos ataques

Ana Rita Faria

O Conselho de Segurança da ONU aprovou, a 3 de Fevereiro, o envio de uma equipa de manutenção da paz para a região de Darfur, no oeste do Sudão. Os 15 membros do organismo declararam estar à espera de uma decisão da União Africana (UA) que permita transferir a operação no território para as competências da ONU. A UA já disse, contudo, que não toma qualquer decisão definitiva até ao final de Março. O Governo

do Sudão, por sua vez, não concordou ainda com uma possível intervenção das Nações Unidas na questão de Darfur.

Desde Março de 2005 que já existe, no Sudão, uma missão desta organização internacional. No entanto, a ONU pensa agora em estender o seu campo de actuação no conflito, até porque a actual força da UA em Darfur, que conta com sete mil soldados, ficará em breve sem recursos para financiar o seu orçamento de 17 milhões de dólares mensais.

A crise neste reino independente, anexado pelo Sudão em 1917, começou oficialmente em Fevereiro de 2003 e apresenta já um saldo de dois milhões de refugiados e 400 mil mortos. O conflito de Darfur opõe a Janjaweed, uma milícia apoiada pelo regime islâmico de Cartum, capital do Sudão, aos grupos rebeldes não-árabes situados na re-

gião. A crise inter-étnica é frequentemente descrita como limpeza racial ou genocídio. No entanto, alguns peritos realçam a dimensão económica ligada à competição entre agricultores sedentários (sobretudo não-árabes) e nómadas árabes, pela posse dos escassos recursos da região.

Ambas as facções têm sido acusadas de cometerem sérias violações aos direitos humanos, que incluem assassinatos em massa, saques e roubos à população civil. Entretanto, a crise em Darfur estendeu-se também ao país vizinho, Chade, que tem sido alvo de ataques da milícia Janjaweed, por ser o principal destino dos refugiados.

A dimensão do conflito motiva constantes avisos de um desastre eminentes. O secretário-geral da ONU, Kofi Annan, considerou mesmo como "assustadoramente real" o risco de genocídio em Darfur.

Irão

Programa nuclear gera controvérsia

Helder Almeida
Daniel Joana

A intransigência do governo iraniano quanto à intenção de produzir energia nuclear está a provocar um grave desentendimento a nível internacional.

Apesar de afirmar que o enriquecimento de urâno se destina somente a fins civis, a decisão do Irão já levou os membros do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) a reunirem-se para estudar uma eventual reacção. As medidas a tomar pelo órgão podem ir desde sanções económicas até, em último caso, ao uso da força militar.

O professor de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, José Manuel Pureza, afirma que nesta fase já é "difícil haver um retrocesso do plano nuclear iraniano". Na opinião do docente, há ainda "uma posição de cerco que poderá determinar que o regime iraniano aponte no sentido de utilizar o nuclear para fins bélicos".

Mahmoud Ahmadinejad, presidente do Irão, tem defendido que o nuclear será apenas utilizado para fins civis, como a produção de energia. Porém, a comunidade internacional tem fortes suspeitas de que o país pretende produzir armamento nuclear.

O regime de Teerão tem criticado o que considera ser a dualidade de critérios das instâncias internacionais quanto ao acesso à energia nuclear, defendendo a legitimidade do seu programa. "Há uma ideia dentro do Irão de que a pressão dos EUA e da União Europeia é injusta, tendo em conta a dualidade de critérios que este tipo de pressão evidencia, por exemplo em relação a Israel", salienta Pureza.

Contudo, há ainda a questão do petróleo, um trunfo que poderá ser utilizado pelo governo iraniano para impedir a comunidade internacional de aplicar sanções. Numa situação extremada, o Irão "pode fechar o estreito de Ormuz, o que poderia criar o pânico, devido à consequente redução no fornecimento de petróleo, num mercado já de si muito instável", explica o professor de Relações Internacionais.

O recomeço do programa nuclear iraniano foi oficialmente anunciado a 9 de Janeiro por Ahmadinejad, depois de ter sido suspenso voluntariamente em Outubro de 2003.

10

TEMA - A comunidade brasileira na UC

Do outro lado do Atlântico...

São cada vez mais os estudantes que abandonam as terras de Vera Cruz e atravessam o Atlântico para vir estudar para a Universidade de Coimbra (UC). Estes alunos concentram-se sobretudo nas faculdades de Direito e de Ciências e Tecnologia.

A maioria dos estudantes diz ter tido problemas de integração mas garante que a experiência é gratificante

Por Ricardo Machado e Margarida Matos (texto) e Martha Morais (fotografia)

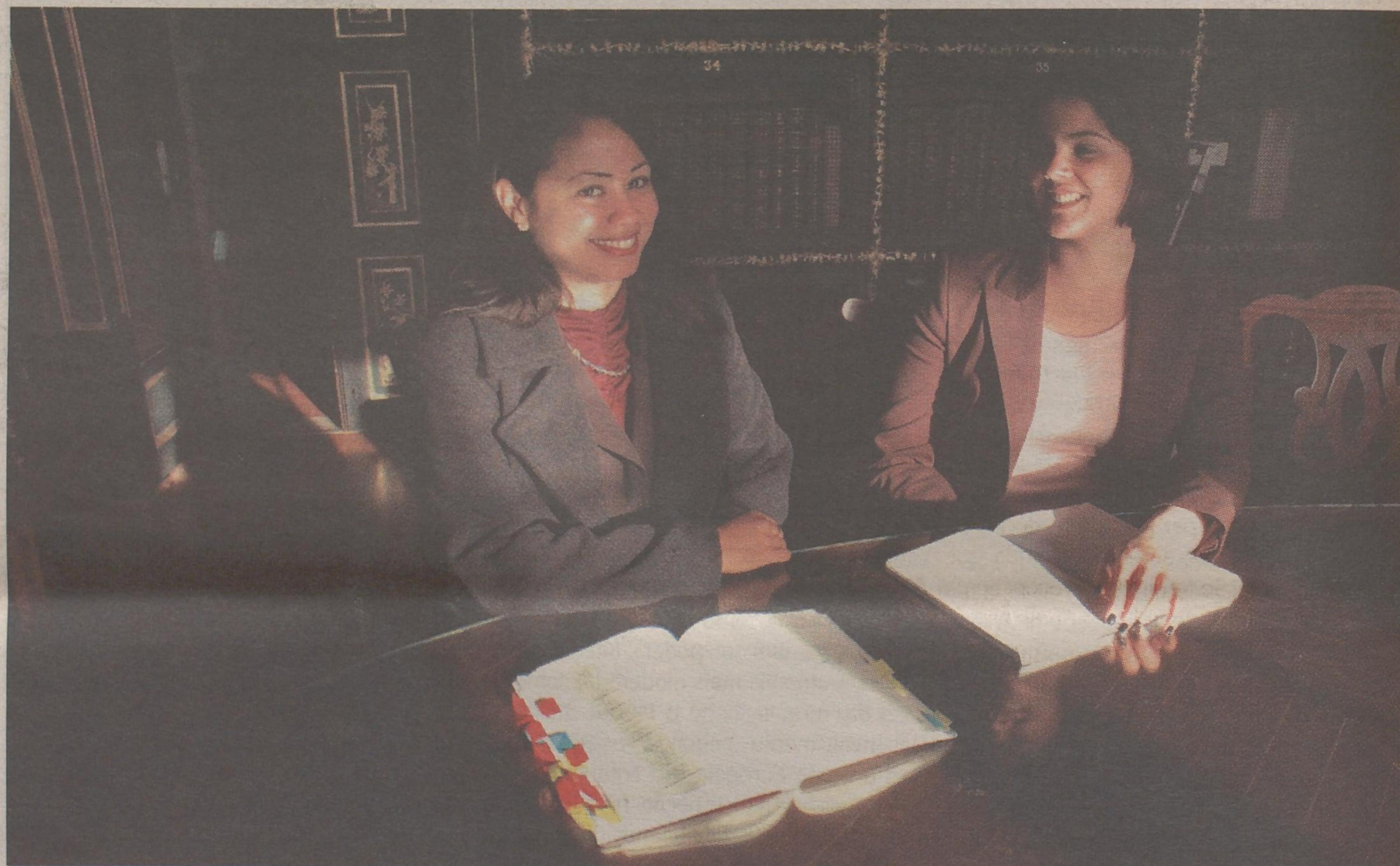
André Torricelli da Rosa é um dos cerca de 300 estudantes brasileiros a estudar na Universidade de Coimbra mas o seu percurso até Portugal foi atípico. Advogado, está desde Novembro em Coimbra, a tirar uma pós-graduação em Direito dos Contratos de Consumo. Portugal foi o seu último destino de passagem, depois de ter estado a viajar pela Europa desde Agosto, onde conheceu 11 países e participou nas Jornadas Mundiais pela Paz, em Colónia, na Alemanha.

André da Rosa veio para Portugal através de uma amiga, mas afirma que a "UC, em especial a Faculdade de Direito tem muito prestígio no Brasil". A maioria dos estudantes brasileiros na UC vem directamente do Brasil no âmbito de programas de mobilidade, de pós-graduações, doutoramentos e mestrados, mas também há quem venha para tirar a licenciatura. As áreas mais procuradas são as de Direito e de Ciências.

Já Renata Fernandes, a tirar mestrado em Direito, conhecia o país porque tinha estado no ano lectivo de 2001/2002 em Lisboa, ao abrigo do programa de mobilidade Sócrates. Segundo o Gabinete de Relações Internacionais da UC, actualmente há cerca de 75 estudantes brasileiros a usufruir deste programa.

A tirar doutoramento em Engenharia Informática na Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, Eduardo Cerqueira está em Coimbra desde 2004. No Brasil era professor universitário e, depois de ter terminado o mestrado em Ciência da Computação, na Universidade Federal de Santa Catarina, optou por Coimbra. Para Eduardo, o doutoramento "traz benefícios em termos monetários e de conhecimento".

Também Augusto Neto está a tirar doutoramento em Engenharia Informática. Apesar de já ter sido aceite no concurso para o doutoramento em 2001, foi selec-



Alguns estudantes brasileiros falam de problemas de adaptação a Portugal

cionado como investigador num projecto europeu realizado em conjunto entre a UC e a DoCoMo, empresa japonesa de telecomunicações, com laboratório em Munique.

Já Manuel Bandeira, estudante de Mestrado em Botânica, está em Coimbra desde 2004, ao abrigo do programa Alban. Este programa de bolsas de estudo da União Europeia (UE) para latino-americanos tem como principal objectivo o reforço da cooperação com a América Latina e engloba estudos de mestrado e doutoramento, bem como a formação de alto nível em instituições ou centros da União

Europeia. Destina-se a profissionais e futuros quadros dessa região. "A língua foi a principal razão pela minha escolha", garante Manuel Bandeira.

Adaptação ao outro lado do Atlântico

Em relação à experiência de estudar fora do país de origem, todos os estudantes são unâmes em considerar que é uma mais-valia para o futuro. No entanto, as opiniões divergem quanto à adaptação.

A este propósito Eduardo Cerqueira afirma que estudar no exterior "é sempre uma oportunidade para aumentar e enri-

quecer a cultura". E acrescenta: "Em 2000 já tive a oportunidade de estudar inglês em Toronto, no Canadá", mas Portugal "proporciona-me uma excelente experiência, tanto a nível cultural como a nível de investigação".

Também Augusto Neto já tinha morado fora do Brasil, pois esteve oito meses nos Estados Unidos da América. No entanto, é a primeira vez que está há tanto tempo fora da terra natal para estudar, há precisamente três anos. E concorda que a permanência em Portugal "confere uma experiência brutal, proporcionando contacto com realidades completamente diferentes

A comunidade brasileira na UC

TEMA

para a cidade dos estudantes

do quotidiano".

Pablo Viana Pacheco, estudante de Mestrado Jurídico Político defende que "todas as pessoas deviam estudar no estrangeiro", "pois as diferenças culturais entre países são diversas, desde a política à alimentação". Também para Sophia Costa Gontijo a experiência está a ser positiva e destaca a qualidade dos docentes e da Faculdade de Direito. Contudo, admite que no começo houve dificuldades de adaptação, devido às diferenças da língua portuguesa no Brasil e em Portugal.

A mesma dificuldade de integração é recordada por Pablo Viana Pacheco, que afirma que, "no início, os portugueses não são muito simpáticos, não são tão convivativos como no Brasil". A mesma ideia é partilhada por André Torricelli da Rosa, que considera que os portugueses são preconceituosos. E explica: "dá-se muito valor se uma pessoa é pobre ou rica, se os imigrantes vêm para estudar ou trabalhar". O estudante acrescenta ainda que, para a população feminina, a recepção em Portugal "é mais complicada, pois as mulheres brasileiras são constantemente vistas como prostitutas". Eduardo Cerqueira concorda também que alguns portugueses tratam os brasileiros de forma diferenciada, garantindo, todavia, que tem vários amigos portugueses.

De igual modo, Augusto Neto diz ter tido problemas de adaptação com a língua e o clima. Mas destaca, sobretudo, "o comportamento grosseiro dos portugueses para com os imigrantes". E assegura: "No início senti-me menosprezado, mas depois percebi que é o modo de ser dos portugueses, enquanto não conquistamos a sua confiança". Neste sentido, diz ter

feito gradualmente grandes amigos portugueses.

Diferenças no ensino

Já no que diz respeito a ajudas económicas à sua formação, grande parte dos estudantes suportam os encargos pelos seus próprios recursos. Dos vários elementos entrevistados, somente três estudantes admitiram receber bolsa: os dois alunos de doutoramento em Engenharia Informática recebem uma bolsa da Fundação de Ciência e Tecnologia, enquanto que o aluno de Mestrado em Botânica, Manuel Bandeira, recebe a bolsa de estudo do programa Alban.

Augusto Neto acrescenta ainda que consegue alguns rendimentos extra através das actuações do seu grupo musical Sambaê, um grupo que toca samba e pagode.

Para muitos destes estudantes, a UC era conceituada no Brasil. Se alguns confirmaram as suas expectativas, como Renata Fernandes, que considera os métodos de ensino no Brasil "muito mais teóricos", outros há que tenham ficado desiludidos com a universidade.

Para João Luciano Azevedo, finalista da licenciatura em Engenharia Química, existem alguns choques de ensino em relação à aprendizagem no Brasil e em Portugal. "Há uma maior dificuldade na interacção entre professores e alunos: no Brasil é mais directa, enquanto aqui é muito mais formal". André da Rosa afirma que estudar em Coimbra "é positivo, porque traz fama e é bom para o currículum". No entanto, defende que no Brasil "há melhores faculdades, quer em termos de condições materiais quer na relação entre docentes



A grande parte dos alunos brasileiros na UC estuda na Faculdade de Direito

e alunos".

A comunidade brasileira em Coimbra é dispersa, existindo diversos grupos que se encontram regularmente em diferentes locais. Deste modo, Renata Fernandes destaca o papel do bar Clepsydra, que organiza convívios brasileiros todas as sextas-feiras. Augusto Neto é um dos responsáveis pela organização destas festas e afirma que os convívios têm tido muita adesão, contando com a participação não só de brasileiros como de outras nacionalidades. E remata: "Fazemos com certeza as noites mais alegres de Coimbra".

Em relação ao seu futuro, depois de ter

minadas estas etapas da formação, alguns destes alunos têm ainda dúvidas se vão permanecer em Portugal ou regressar ao Brasil. Eduardo Cerqueira pretende ficar em Portugal após concluir o doutoramento. "Gostaria de ser professor numa universidade portuguesa ou continuar os estudos como forma de enriquecer os meus conhecimentos". Também Renata Fernandes quer ficar em Portugal. Já Augusto Neto diz que gostaria de adquirir mais experiência internacional, tirando mais uma pós-graduação ou desenvolvendo investigações na Alemanha ou Inglaterra.

APEB – Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros de Coimbra

Em Maio de 2004 foi criada a Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros de Coimbra (APEB). A ideia surgiu de um grupo de estudantes de doutoramento da Universidade de Coimbra (UC) e contou com apoios de outras estruturas de estudantes brasileiros existentes no país, nomeadamente em Aveiro e no Porto. A associação é apoiada pela Reitoria da Universidade de Coimbra e pelo Centro de Estudos Sociais. Posteriormente foi fundado o Movimento das Associações de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Portugal (MEBRAP).

A APEB tem com principais objectivos facilitar a integração em Coimbra, promover acções de preservação dos valores da cultura brasileira em Portugal, incentivando o

convívio. Desta forma, são organizados todos os semestres diversos convívios. Além disso, esta estrutura funciona também como fórum de debate e divulgação da produção científica e cultural brasileira, desenvolvendo diversas palestras.

Segundo um membro da organização, João Luciano Azevedo, a APEB "está ainda a tentar criar um estatuto que facilite a permanência dos estudantes brasileiros em Portugal", de forma a responder às limitações do visto. Segundo o mesmo, a associação conta com cerca de 200 membros, estimando-se que actualmente existam cerca de 300 estudantes brasileiros na Universidade de Coimbra. Para informações aqui fica o e-mail: direcaoapebcoimbra@yahoo.com.br.



Bolseiros por falta de alternativas

A falta de um regime de segurança social próprio é a principal adversidade enfrentada pelos bolseiros científicos portugueses, que se vêem obrigados a enveredar pela investigação devido à falta de perspectivas de carreira

Rui Simões

"Ser bolseiro é sempre uma opção de recurso", garante o investigador científico André Levy. O especialista em psicologia aplicada está dependente de uma bolsa desde que regressou a Portugal, após fazer o doutoramento nos EUA, e não encontrou emprego na sua área.

Levy, que também é membro da direção da Associação de Bolseiros de Investigação Científica (ABIC), assegura que os cérebros portugueses estão "desaproveitados e sem perspectivas de carreira, não estando integrados nos seus sectores". O investigador refere ainda que é isso que os leva a recorrer a bolsas, pois só assim podem prosseguir os estudos na área que escolheram. Actualmente, há cerca de quatro mil bolseiros de investigação científica em Portugal, que prosseguem o trabalho académico como forma de fugir ao desemprego ou ao trabalho em áreas para as quais não estão qualificados.

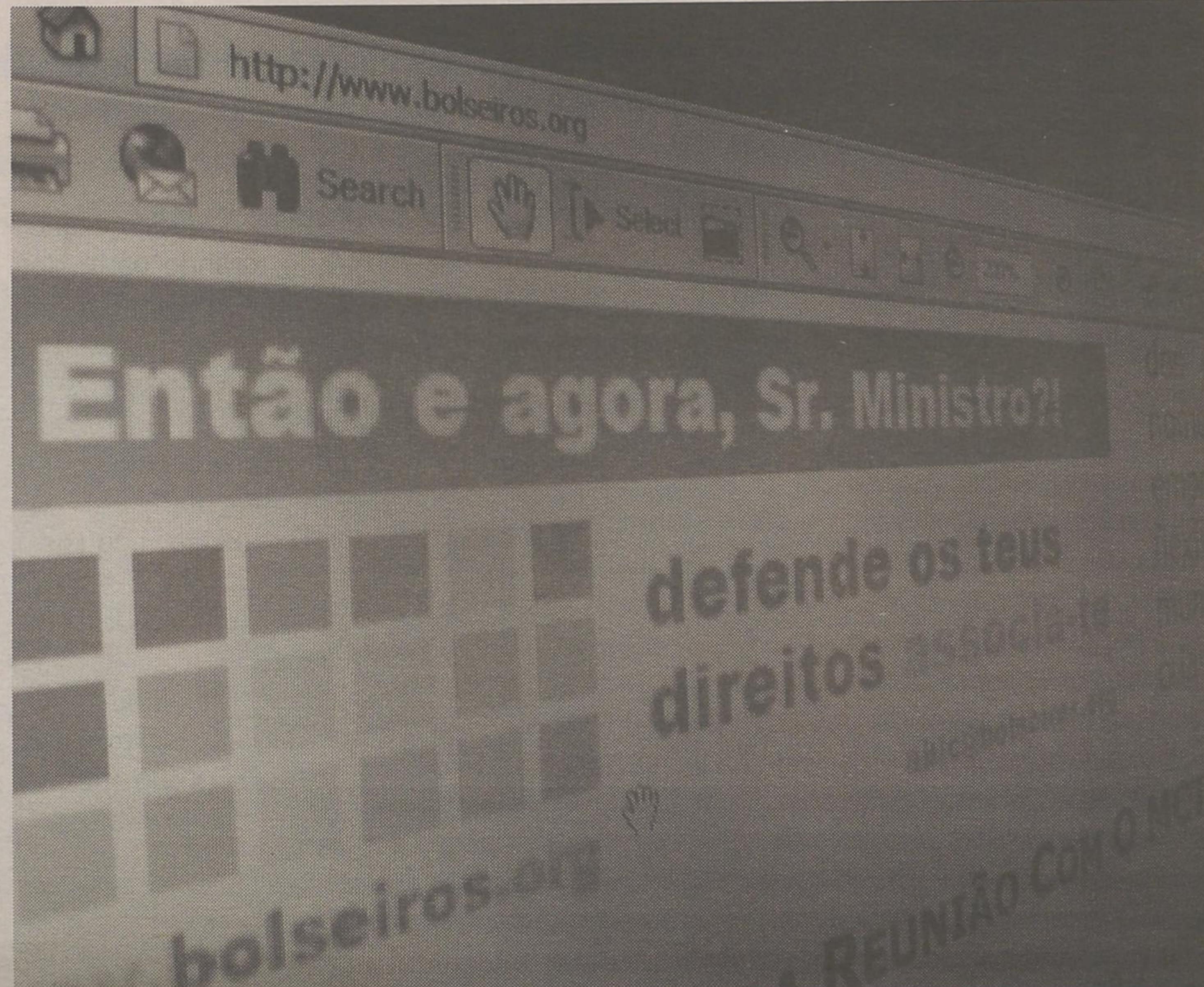
"Não dar emprego a quem se deu formação não constitui uma poupança, mas

sim um desperdício", critica por sua vez Filipe Veloso, investigador de Física na Universidade de Coimbra e também membro da ABIC. Veloso lembra ainda as "situações precárias" por que os bolseiros portugueses têm de passar, as quais levam a que muitos cheguem a considerar desistir da carreira científica.

A segurança social está negada aos bolseiros

André Levy salienta as dificuldades sentidas pelos bolseiros, como a falta de um estatuto próprio que lhes conceda regalias em caso de maternidade e doença. Mas a principal queixa da ABIC é mesmo a inexistência de um regime de segurança social próprio. Esta situação leva a que, legalmente, os bolseiros não tenham direito a férias ou sequer ao subsídio de desemprego, de alimentação ou décimo terceiro mês, o que Veloso considera uma utilização abusiva do actual estatuto de bolseiro científico. Desde as últimas alterações à lei, os bolseiros podem-se registar de forma voluntária. No entanto, o especialista em eco-etiologia esclarece que tal não funciona como solução.

Isto porque, explica Levy, a Fundação para a Ciência e Tecnologia (que concede a bolsa) só desconta para a segurança social o equivalente ao salário mínimo nacional, tendo que ser o bolseiro a descontar o restante. Esse facto leva a que os bolseiros recebam uma "protecção insuficiente", ressalva o membro da ABIC, até porque a segurança social não está disponível para os bolseiros que tenham outra actividade



A existência de um regime próprio de segurança social é a principal exigência dos bolseiros portugueses

profissional suplementar. Deste modo, a segurança social dos bolseiros "ou está negada ou seriamente limitada", conclui Levy.

Para combater estas adversidades, a ABIC tem reunido com o secretário de Estado da Ciência e Tecnologia em conversações que Levy considera serem "muito produtivas". Actualmente, além da integração dos bolseiros no regime de segurança social, estes propõem como medidas im-

diatas a criação de mais lugares para investigadores e técnicos (com a substituição das bolsas de projecto e pós-doutoramento por contratos de trabalho), e a actualização dos montantes das bolsas (que já não são regularizados desde 2002). Para além disso, também é defendida, em comunicado da ABIC, a implementação de um painel consultivo de fiscalização e a alteração do regulamento e contrato de bolsa, e do regime de exclusividade.

GULBENKIAN DISTINGUE INVESTIGADORES DA UC

Os projectos desenvolvidos por Ana Martins, Vítor Cardoso e Paulo Pinheiro, na Universidade de Coimbra (UC), não passaram despercebidos aos olhos da Fundação Gulbenkian, que decidiu integrar os investigadores na lista dos 13 jovens distinguidos no âmbito do Programa Estímulo à Investigação. O incentivo financeiro foi de 12 500 euros

Por Luísa Correia e Ana Martins

Na área de Política e Comunicação, Ana Martins, licenciada em jornalismo pela UC, vai desenvolver o projecto "Da Constituição para a Europa, à Europa da Constituição: a construção de espaço público na imprensa de referência europeia", orientado por Maria Manuela Tavares Ribeiro, do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da UC.

O trabalho procura, diz Ana Martins, "enquadrar a temática da constituição europeia nos horizontes teóricos do espaço público e do espaço mediático". O projecto vai ser desenvolvido com base numa análise teórica, problematizando o papel do cidadão numa Europa marcada por um défice democrático, associada à cobertura noticiosa, em jornais de referência, dos referendos espanhol, francês e holandês sobre a Constituição Europeia.

Para Ana Martins, "o Programa Estímulo à Investigação, para além de promover a investigação e estimular a criatividade de jovens investigadores licenciados, abrange determinadas áreas de investigação, como as ciências sociais e humanas, que têm sido negligenciadas face às áreas das ciências exactas."

Vítor Cardoso, que recebeu o prémio da Gulbenkian na área da física teórica, vai desenvolver o seu trabalho no Centro de Física Computacional da UC. A CABRA não conseguiu contactar o investigador, actualmente no estrangeiro.

Paulo Pinheiro, biólogo e membro integrante do Centro de Neurociências e Biologia Celular da UC, está a desenvolver um projecto integrado na área de Tráfego e Sinalização Intracelular do Programa Estímulo à Investigação. As investigações estão a decorrer em estreita parceria entre Christophe Mulle, da Universidade de Bordeaux, França, e João Malva, do Centro de Neurociências e Biologia Celular, e assumem um carácter multidisciplinar, na medida que recorrem a técnicas de biologia molecular, imagiologia e electrofisiologia. O objectivo da investigação é desvendar os fenómenos celulares e moleculares envolvidos no processo de formação da memória.

Para além da distinção da Gulbenkian, o projecto foi também galardoado pela Associação de Doutorados Portugueses em França. Na opinião de João Malva, "a importância destes prémios prende-se não só pelo reconhecimento da qualidade da formação e da investigação na Universidade de Coimbra, mas também constituem um suporte para o desenvolvimento dos jovens doutorados até atingirem autonomia científica."

Série de vitórias quebrada

Boavista vence em Coimbra por 0-2

A Briosa falhou, pela terceira vez esta época, a hipótese de alcançar três vitórias consecutivas para o campeonato

João Campos

A Académica recebeu, no sábado, o Boavista, em jogo a contar para a 22ª jornada da Liga Betandwin.com. Sem poder contar com os lesionados Zé Castro e Gelson, Nelo Vingada fez regressar Hugo Alcântara e Luciano ao onze inicial, relativamente à partida frente ao Paços de Ferreira.

O jogo começou num tom monótono, sem grandes ocasiões de golo. Nos primeiros 20 minutos, as únicas oportunidades pertenceram aos boavisteiros, com um remate de Lucas por cima da barra e outro de Paulo Jorge, à figura de Pedro Roma.

A Briosa procurou reagir ao maior ascendente da formação visitante, mas sem criar perigo. Aos 27 minutos, Danilo cabeceia fraco para defesa fácil de William. 10 minutos depois, é Luciano que se deixa antecipar por Ricardo Silva, não conseguindo o remate.

No último minuto da primeira parte, e quando se pensava que as duas equipas iam para o intervalo empatadas, o Boavista marcou. João Pinto, de cabeça, desviou para a baliza um livre marcado da esquerda do ataque axadrezado.

Na segunda parte, os "estudantes" con-



João Pinto bisou e garantiu a sétima vitória consecutiva dos boavisteiros

tinuaram a não dar sinal de reacção perante a vantagem da turma nortenha. Nelo Vingada ainda tentou reforçar o ataque da equipa, trocando Dionattan por Serjão. Contudo, os resultados foram insuficientes, com excepção para um remate de longe de Filipe Teixeira, que William defendeu sem dificuldade.

Aos 74 minutos, N'Doye recebe a bola isolado em posição frontal à baliza, mas o lance acaba por se perder. Três minutos depois, os comandados de Carlos Brito sentenciaram a partida. Paulo Jorge isolou João Pinto, e o internacional português

marcou o segundo golo, depois de passar por Pedro Roma.

Até final, o Boavista limitou-se a gerir a vantagem, garantindo a sua sétima vitória consecutiva (a quinta para a liga). No fim, o treinador da equipa axadrezada, Carlos Brito, estava satisfeito com a exibição dos seus jogadores, defendendo que a fase vitoriosa "abre uma perspectiva mais calma para o resto do campeonato". Nelo Vingada aceitou o desfecho da partida e mostrou-se confiante em alcançar um bom resultado na próxima jornada, em Barcelos, frente ao Gil Vicente.

Voleibol

Académica luta pela manutenção

A Briosa não conseguiu nenhuma vitória em fim-de-semana com jornada dupla e vai ter de disputar o "play-out"

Bruno Gonçalves

Em jornada dupla, os "estudantes" receberam e foram batidos por Castelo da Maia e Fonte do Bastardo. Quaisquer que fossem os resultados do fim-de-semana, a Briosa seria sempre forçada a disputar um "play-out", para tentar a manutenção no escalão máximo da modalidade.

No sábado, os "estudantes" receberam, no Pavilhão Cidade de Coimbra, o Castelo

da Maia. A derrota por 3-0 não deixa margem para dúvidas em relação à superioridade dos nortenhos.

Na partida de domingo, a última da primeira fase, a Briosa enfrentou os açorianos da Fonte do Bastardo, que no passado dia 22 tinham ganho por 3-0, no mesmo campo, numa partida para a Taça de Portugal. Desta vez, os forasteiros voltaram a vencer, mas por 2-3, numa partida muito disputada.

A Académica, que se apresentou de equipamento cinzento, até começou a partida decidida a ganhar, e cedo alcançou uma vantagem curta, que soube gerir até ao final do set. O parcial de 25-21 até podia ter sido mais dilatado, não fora a ansiedade final ter feito perder muitos pontos aos da casa.

Já no segundo parcial, os visitantes entra-

ram dispostos a justificar a sexta posição na classificação, o que, aliado a uma desconcentração inicial na rede dos capas negras, acabou por se reflectir num 16-25.

O terceiro set foi muito equilibrado, mas o central Jônatas Nascimento, o melhor da Académica na partida, carimbou uma exibição acima da média, que levou ao 27-25, a favor dos "estudantes".

A vencer por 2-1, os da casa não aproveitaram a oportunidade de "matar o jogo" e acabaram por perder mais um parcial, por 18-25.

Obrigada a disputar a "negra", a Briosa até entrou bem, mas a Fonte do Bastardo nunca baixou os braços. Um set que poderia ter acabado aos 15 pontos acabou por se prolongar, teimosamente, até aos 23-25, favorável aos visitantes.

Ponto & Virgula

por Tiago Almeida

Um mal necessário?

"O isco salarial continua a perseguir os peixes pequenos, «transportados a reboque» pelo mercado dos peixes grandes"

"Fizemos o planeamento devido para a nova época e temos um plantel suficientemente forte para atingir os objectivos". Esta será, porventura, a frase-chavão dos dirigentes do futebol português, ciclicamente proferida no início de cada temporada. Se, por um lado, representa, invariavelmente, a incapacidade de gestão dos responsáveis, justifica, por outro, a "lama" financeira que nos dias de hoje afecta o futebol português.

Com o "mercado de Inverno", são os clubes de menor dimensão que saem mais prejudicados. Perdem alguns dos seus melhores valores, reforçam-se, mas acabam sempre por ultrapassar os limites orçamentais delineados no início da época. Na reabertura do mercado, o clube comprador não arrisca, não há tempo para adaptações e urge apostar em jogadores que possam "de caras" contribuir.

Já os clubes de menor dimensão, ao perderem as suas "mais-valias", ficam sujeitos a cumprir dois objectivos: recuperar o equilíbrio do plantel e, ao mesmo tempo, melhorá-lo qualitativamente – uma "ginástica" financeira que, num passado recente, clubes como Campomaiorense, Farense, Salgueiros e Alverca não suportaram e que Estoril, Ovarenses e Vitória de Setúbal não esqueceram.

Marcel saiu da Académica e, com isso, obrigou a Briosa a contratar Serjão e N'Doye para repor qualidade na equipa. Alguém duvida que a média salarial aumentou? O negócio Marcel nem sequer está concluído a favor da Académica. Já o Benfica adquiriu o brasileiro por empréstimo, apenas e só por não ter nenhum jogador com as características de Marcel no seu sector ofensivo...

O isco salarial continua a perseguir os peixes pequenos, "transportados a reboque" pelo mercado dos peixes grandes. Será esse um mal necessário? ;

“Poucas pessoas lá foram e poucas chegaram ao fim”

Consagrado no final de 2005 como vencedor da primeira edição da Taça do Mundo de Quad, Leal dos Santos iniciou em grande 2006, com a participação no Dakar

Bruno Gonçalves
Rafael Pereira

“No Dakar as aventuras são intermináveis. São tantas as experiências que nem me consigo recordar de todas!”

Ricardo Leal dos Santos foi o primeiro português a terminar um Dakar sem navegador. O piloto, que viveu parte da sua vida em Coimbra, foi o vencedor da Taça do Mundo de Quad em 2005 e no Dakar desse ano ficou em primeiro lugar na classificação a “solo”.

O percurso vitorioso de Leal dos Santos começou em 1985, com 12 anos, nos “karts”, sendo o piloto mais jovem de sempre a federar-se em Portugal. A passagem pelos “karts” terminou em 1988, após alguns incidentes que o afastaram das competições por 10 anos.

Depois de uma frustrada incursão pelo curso de Engenharia Mecânica na Universidade de Coimbra, Ricardo descobriu o gosto pelo “quad”, moto quatro. “Um amigo meu levou-me à Figueira da Foz para dar uma volta na moto nova dele, uma moto quatro. Estava encontrado o meu novo veículo. No fim-de-semana a seguir fui logo comprar uma, e 15 dias depois estava a fazer a minha primeira corrida.”

Já ao volante do novo veículo, Leal dos Santos voltou a escrever mais uma página na história dos desportos motorizados. “Descobri o que eu suspeitava desde o início, que as moto quatro podiam fazer corridas de deserto. Comecei a investigar e descobri que já alguns haviam tentado, mas nunca ninguém tinha conseguido acabar uma grande prova.”

Em 1997 e depois desta “descoberta”, o piloto português participou no Rali Optic 2000 Tunísie, onde foi o primeiro em “quad” a terminar a prova. Numa altura

em que as moto quatro eram novidade, a conquista “teve repercussões a nível internacional”, confessa o piloto. No ano seguinte, muitos mais foram os pilotos a seguir os “trilhos” do português.

Em 2000, surge a primeira participação no Paris-Dakar, aquela que é considerada a prova rainha do todo-o-terreno. O piloto encara a participação como o seu primeiro grande projecto. Apesar de ter desistido na 4ª etapa, a competição veio a revelar-se marcante no seu percurso.

A partir daí, nunca mais desisti em nenhuma prova

“Foi remédio santo. Começámos a fazer testes ao equipamento, a tomar medidas preventivas. Encarámos a preparação como um método científico.” Isto revelou-se eficaz, e, na sua segunda participação no Dakar, já em 2003, Leal dos Santos terminou na sexta posição, sendo o primeiro piloto português a terminar a prova em “quad”.

Depois de mais algumas corridas em “quad” pelo mundo fora, Leal dos Santos passou para os carros, desta feita acompanhado pelo amigo, Rui Silva. “Em 2004 comprámos o ‘frigorífico’, um carro bastante velho que encontrei parado numa oficina, e achámos que servia para fazer algumas provas nacionais. A primeira prova, a Baja Vodafone 1000, correu tão bem que decidimos arranjar dinheiro para terminar o campeonato.”

Com mais um Dakar no horizonte, surge a ideia de participar de jipe. “O Dakar de 2005 era mais um “Dakar de pedra”, e era uma estupidez ir de moto quatro. Então, porque não vamos de ‘frigorífico’? Ninguém queria acreditar que íamos ao Dakar naquele carro.”

“Esta prova foi uma aventura total; dormimos cinco horas em três dias”, refere Ricardo Leal dos Santos. A experiência do ano passado foi tão enriquecedora que o projecto para 2006 foi ainda mais ambicioso. Era necessário um carro melhor e mais dinheiro. Com o carro conseguido, faltava o financiamento, que exigiu um grande esforço de marketing, e a decisão de ir sozinho foi fulcral. “Eu não fui sozinho só por-



Leal dos Santos foi o primeiro português a acabar o Dakar a solo

que tinha uma certa mística que vinha com o espírito do ‘quad’; era também um projecto de marketing.”

Em quatro dias tivemos cerca de 50 reportagens na televisão

“Em termos psicológicos, é um desafio muito mais giro. É preciso ter um determinado conhecimento, um determinado espírito e um determinado grau de conhecimento para ir sozinho. Eram essas características que eram precisas e que eu achei que tinha. Por isso é que poucas pessoas lá foram e poucas chegaram ao fim.” Contudo, o facto de ir sozinho não abrandou o piloto português. “Descobrimos no final deste Dakar que, mesmo sozinho, conseguia andar rápido e não tinha experiência nenhuma num carro tão bom como este.”

Ainda durante este ano, as pretensões de Leal dos Santos passam por fazer o campeonato nacional, mais uma vez na companhia de Rui Silva. “Agora vamos para o nacional, batermo-nos com os ‘tubarões portugueses’ todos, batidíssimos nas pistas. Mas não vamos ter medo de nada, se andámos lá com os leões em África e crocodilos no Brasil...”

Quando questionado acerca dos objectivos pâra o Lisboa-Dakar 2007, Ricardo mostra-se indeciso. “Para o ano ainda não sei. A ideia é levar um carro ainda melhor, ou a ‘solo’ ou a acompanhado. Queremos encontrar um carro para ir mais perto do Sousa, só que isso custa muito dinheiro.” O piloto espera estar mais próximo dos 10 primeiros e talvez ser o segundo ou terceiro melhor nacional.

Quanto ao “quad”, a competição nesta modalidade está arredada de vez, confessa o actual campeão do mundo da modalidade de todo-o-terreno. “Não dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo, porque, apesar de tudo, trabalho. E embora não perca dinheiro com as provas, também não ganho, o que invalida dedicar-me ainda mais às competições.”

A conciliação do trabalho com a competição rouba muito tempo livre ao piloto, mas refere que o faz por gosto e confidencia que “este ano foi a loucura total. Chegamos cá e é só problemas para resolver, mas, apesar disso, dá um gozo brutal. Igual a este ano, duvido que vá ter mais algum na vida. Este ano, em termos de realização pessoal, foi o auge.”

O Mundo ao Contrário
domingos às 21h
www.ruc.pt/~omundoaocontrario

Sextas 21h

Clepsidra
Conversas de café à mesa da rádio.

PUBLICIDADE

Livros que marcaram a humanidade

Estudo revela uma visão europeia do Mundo

A Universidade de Coimbra uniu o seu corpo docente para decidir quais as obras que mais influência tiveram na história da humanidade. "A origem das espécies", de Darwin, e a "Bíblia" foram as mais votadas

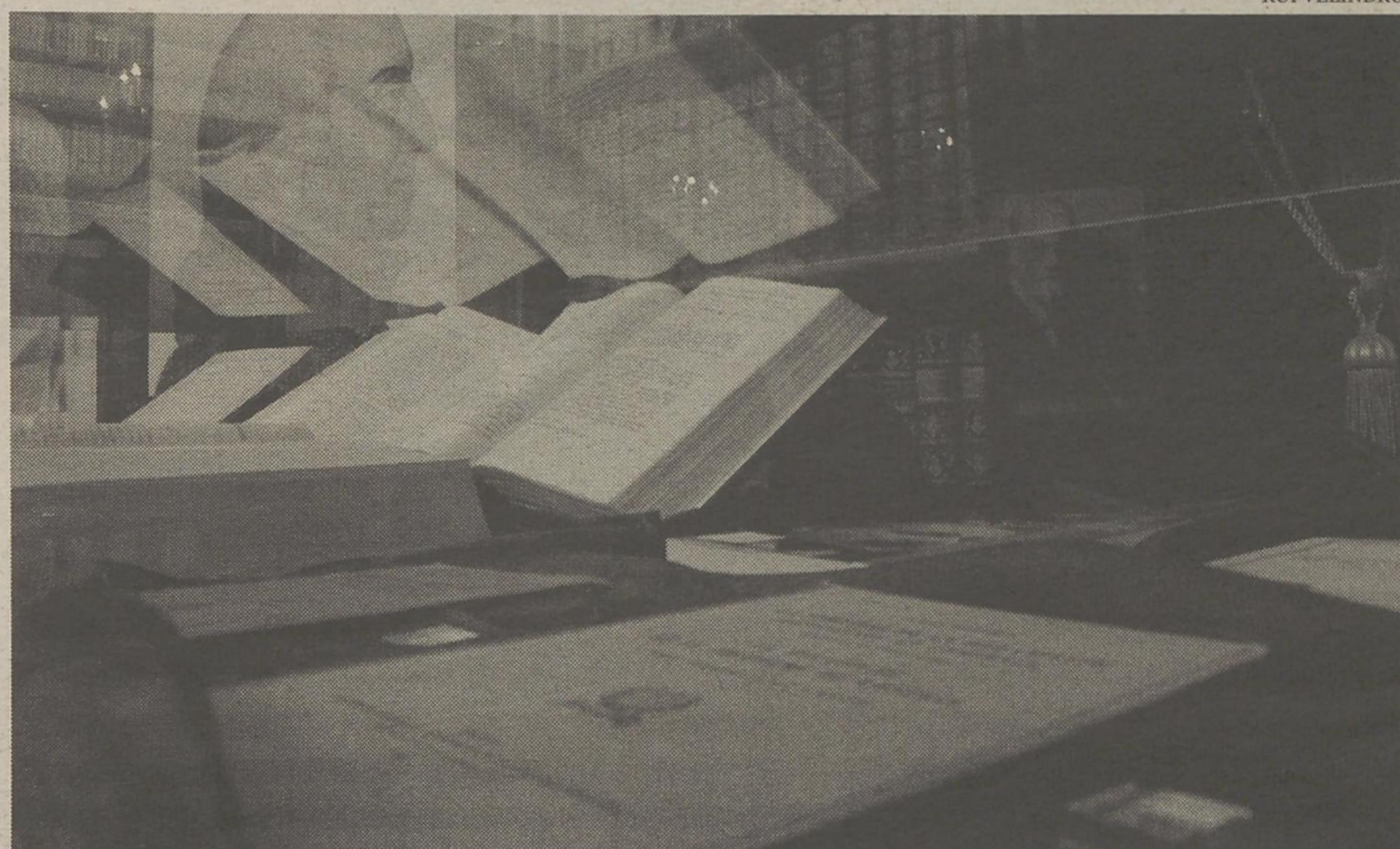
Bruno Vicente

A Pró-Reitoria da Cultura e a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (UC) convidaram 10 docentes, representantes das respectivas faculdades. O objectivo é dar uma pluralidade de visões na resposta à questão: quais são os livros que mais influência tiveram na história do mundo?

Na opinião do corpo docente, "A origem das espécies", de Charles Darwin, "A Bíblia" e a "Interpretação dos sonhos", de Sigmund Freud foram os livros que mais abalaram a humanidade.

Na lista, constituída por dez livros, aparecem também obras de Karl Marx, Miguel Cervantes, Isaac Newton, Homero, Adam Smith, Galileu Galilei e Albert Einstein.

Os dois responsáveis pela ideia, o pró-reitor para a cultura, João Gouveia Monteiro, e Carlos Fiolhais, professor da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, consideraram o resultado da iniciativa "tão interessante como discutível". Para o docen-



RUI VELINDRO

A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra acolhe, até amanhã, obras de rostos conhecidos

te de Física, a iniciativa "não pretende tirar conclusões, mas antes ser uma reunião de trabalho, que procura discutir ideias".

Carlos Fiolhais esclarece que o facto de o projecto "partir de um jogo para decidir quais os livros que mais influenciaram a

As 10 obras eleitas

- | | |
|--|---|
| 1 – "A origem das espécies", de Charles Darwin | 7 – "Odisseia", de Homero |
| 2 – "A Bíblia" | 8 – "A riqueza das nações", de Adam Smith |
| 3 – "A interpretação dos sonhos", de Sigmund Freud | 9 – "Diálogo sobre os dois maiores sistemas do mundo", de Galileu Galilei |
| 4 – "O capital", de Karl Marx | 10 – "Teoria da relatividade", de Albert Einstein |
| 5 – "D. Quixote", de Miguel Cervantes | |
| 6 – "Princípios matemáticos de filosofia natural", de Isaac Newton | |

História é só um pretexto para discutir literatura e procurar uma ligação entre a cultura e a ciência".

Ciclo de debates e exposição bibliográfica

No seguimento da iniciativa, os dois responsáveis pelo evento organizaram uma exposição bibliográfica, que inclui exemplares do espólio da universidade. A exposição está patente até amanhã, 15, na sala S. Pedro da Biblioteca Geral da UC.

Para além de várias versões dos 10 livros escolhidos, a mostra conta também com outras obras, provenientes de departamentos e faculdades da universidade.

Por outro lado, partindo das 10 obras seleccionadas, está programado um ciclo de debates até Junho, com o nome "10 livros que abalaram o mundo". O objectivo passa por "juntar pessoas das mais diversas áreas do saber e aproximar o corpo docente aos estudantes", refere Carlos Fiolhais.

Já na passada terça-feira, 7, o anfiteatro do Museu Zoológico da UC recebeu a sessão "Aquém da Bíblia e além de Darwin".

Entretanto, a próxima sessão já tem data marcada para 23 de Março, na sala do Arquivo da UC. "Vai ser sobre os pais da Física: Galileu, Newton e Einstein", revela Carlos Fiolhais, que considera que "a iniciativa está a ser bem conseguida".

Fantoches também são uma arte

Marta Costa

Com o objectivo de diversificar a oferta cultural e artística destinada ao público infanto-juvenil, o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) iniciou um programa de leituras animadas, que procura o cruzamento entre a narração de contos e a animação dramática e teatral.

O grupo de fantoches do Ateneu de Coimbra, os Xarabaneiros, apresenta o espectáculo "Os Três Porquinhos", na próxima sexta-feira, 17, pelas 10h30, e, às 15 horas do mesmo dia, o conto de António Torrado, "O elefante não entra na jogada", inseridos no projecto "Era uma vez".

Segundo Celeste Moura, uma das responsáveis pelos Xarabaneiros, o grupo sempre teve "uma intenção pedagógica e intervintiva na sociedade". A responsável destaca a importância de trabalhos deste tipo devido à inexistência em Coimbra de um grupo de

fantoches e "porque se trata de uma vertente que fez história no panorama cultural português".

Coimbra educada para a cultura

O vereador da cultura da Câmara Municipal de Coimbra, Mário Nunes, afirma que "a autarquia está a cumprir exemplarmente o conceito de dar formação e a possibilidade de desenvolvimento mental e intelectual às crianças".

No entanto, existem outras instituições culturais que incluem na sua programação cada vez mais iniciativas para a infância. O director do TAGV, Manuel Portela, afirma que o objectivo passa pela "formação de espectáculos e de oficinas, que sejam dirigidos a todas as faixas etárias".

Indignado com o currículo estudiantil, Manuel Portela afirma que "a educação artística é deficiente", sendo que a principal preocupação deve ser "educar através da arte".

"Orgia" no TAGV

Ana Rita Faria

Amanhã e quinta-feira, 15 e 16, sobe ao palco do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) a peça de teatro "Orgia". A produção associa a companhia Artistas Unidos com a "a&m" e a "Culturgest", tendo como base uma peça do escritor Pier Paolo Pasolini. José Airosa, Sylvie Rocha e Sofia Correia protagonizam a encenação, que gira em torno das emoções sadomasoquistas de um casal pequeno-burguês.

A narrativa, que conta apenas com uma cama como cenário, segue a história de um homem e de uma mulher que expressam o que os atormentou ao longo das suas existências, para chegarem à conclusão que toda a sua vida é uma mentira, entre aquilo que desejam durante a noite e aquilo que aceitam durante o dia. Cientes de não terem forças para viver, suicidam-se.

A tragédia de Pasolini trata dos impulsos

obscuros e violentos que movem o ser humano em busca de liberdade, diante da escravidão de sentimentos imposta pela sociedade. Segundo o encenador Pedro Marques, "não se procura atrair o público por sugestão ao tema sexo", até porque "não é tanto o sexo que está relacionado com a peça, mas sim o desejo". "Desejos não concluídos, castrados, inconfessados", resume o encenador.

Poesia ao café

Na quinta-feira, 16, as obras de Pasolini ocupam também um outro palco, o do café do TAGV. O evento "As Cinzas de Pasolini", com início previsto para as 18 horas, consiste na leitura de poemas do autor, pelos Artistas Unidos. A iniciativa resulta, nas palavras de Pedro Marques, da vontade de "acompanhar o trabalho teatral em mais iniciativas que possam aprofundar o contacto com o universo do autor".

Museu fechado para obras

Enquanto o Museu Machado de Castro espera pelo início da remodelação do edifício, em Maio, parte do espólio está a ser restaurado

Vítor Aires

Com o concurso público internacional quase a terminar, as obras de renovação do Museu Nacional Machado de Castro devem iniciar-se em Maio. A abertura ao público do novo edifício está marcada para o final de 2009. Para Pedro Redol, actual presidente do Machado de Castro, o objectivo do investimento, financiado a 50 por cento por fundos comunitários, é tornar o Museu Machado de Castro em "um verdadeiro espaço cultural da cidade".

A remodelação do museu sofreu um atraso, pois num terreno ao lado do museu, foi encontrado um fontanário monumental, que fazia parte da fachada do fórum romano do século I. Os vestígios arqueológicos no local incluem o maior esgoto e uma das principais ruas da antiga cidade romana, Aeminium.

Por cima do terreno, vai ser construído um novo edifício, para abrigar os serviços do museu, a cafetaria e a biblioteca. Contudo, os vestígios românicos vão ser preservados e serão visíveis a partir da rua.

De acordo com Pedro Redol, vai ser criado um roteiro, para permitir que os visitantes acompanhem as diferentes fases por que passou o edifício, desde fórum romano a Paço Episcopal, passando pela Igreja de São João de Almedina.

No actual pátio do museu, vai ser retirado o entulho, abrindo espaço para uma

grande sala, destinada a exposições temporárias. A remodelação vai também retirar todos os elementos arquitectónicos vindos de antigos conventos, que foram acrescentados em épocas anteriores.

Restaurar o espólio

Desde o encerramento do museu, em 2003, que as 14 mil peças foram retiradas e algumas até desmontadas. A maioria das obras foi deslocada para a Igreja de São João de Almedina, que agora funciona co-

mo uma reserva do museu.

Já as esculturas de pedra e de terracota e os azulejos foram transportados para o Quartel Militar de Sofia, onde está montado um estaleiro de restauro. Os têxteis, de Arraiolos e orientais, permanecem no interior do museu.

A conservação e restauro das esculturas, dos azulejos e de parte dos têxteis vão ser feitas por funcionários do museu. O restante trabalho, na pintura, por exemplo, vai ser executado por especialistas externos.

MIGUEL MENESES



O novo Museu Machado de Castro tem abertura marcada para o final de 2009

Nilton apresenta "Teorias" em Coimbra

O Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) recebe "Teorias", o mais recente trabalho de Nilton, um dos mais jovens artistas do "stand-up comedy" português

Raquel Mesquita

No próximo sábado, 18, pelas 22 horas, Nilton sobe ao palco do TAGV, onde apresenta "Teorias", um espectáculo com mais de uma hora, onde o artista se faz acompanhar por um baterista.

No evento, Nilton retrata de uma forma irónica diversos temas do quotidiano: "os textos são basicamente um desabafo meu, de coisas do dia-a-dia", refere. Mas, apesar de o espectáculo consistir na criti-

ca e sátira social, Nilton considera que ainda é possível fazer rir sem ferir suscetibilidades, já que "no humor também é preciso bom senso e bom gosto".

O comediante executa trabalhos na rádio e na televisão, mas garante que dá sempre preferência a "espectáculos ao vivo, por haver o contacto directo com as pessoas".

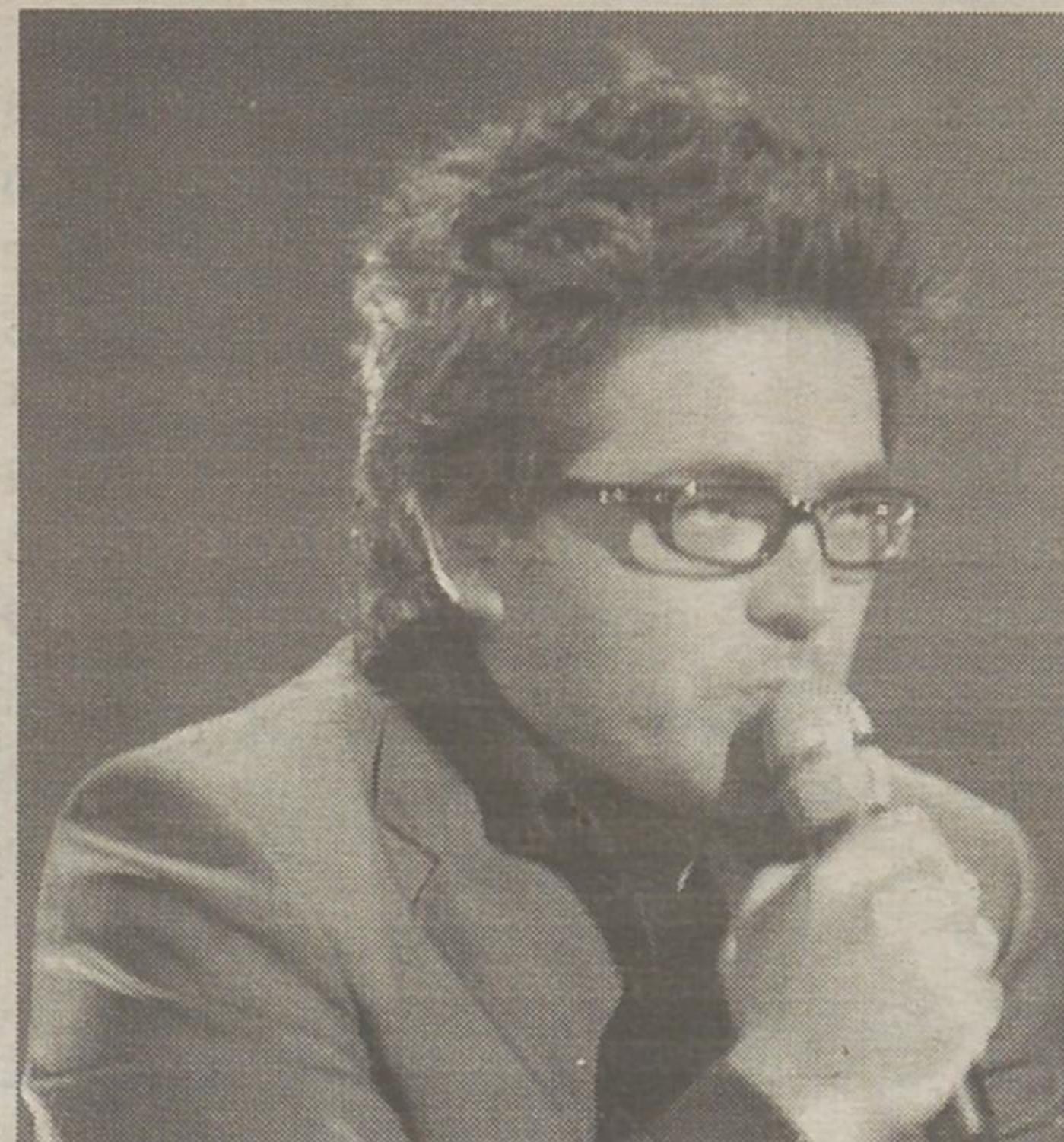
Diversidade de públicos

Correndo o país de Norte a Sul, Nilton faz cerca de uma centena e meia de espectáculos por ano, que "curiosamente têm todos uma audiência variada, desde miúdos até pessoas de cerca de 50 anos".

Em 1997, Nilton pertenceu ao teatro A Barraca, que serviu de rampa de lançamento para a entrada na Rádio Comercial. Desde 2002, com a gravação do primeiro DVD de "stand-up comedy", Nilton tem

acumulado sucessos. O programa "Levanta-te e Ri", o lançamento de um livro e dois DVD's, fazem de Nilton um dos comediantes mais reconhecidos em Portugal.

D.R.



Em Palco

O dobro dos espectadores

**"Ao Partir Palavras"
A Escola da Noite
Oficina Municipal do Teatro
9 a 25 de Fevereiro**

"Não há lugar achado sem lugar perdido", diz a certa altura um dos seis actores para o dobro de espectadores que assistem ao primeiro dia da reposição de "Ao Partir Palavras". Parece-me que esta frase de Ruy Duarte de Carvalho, escalabítano tornado cidadão angolano desde 1975, se pode aplicar à Oficina Municipal do Teatro e à sua localização, tão longe e tão perto de Coimbra. Nem um autocarro directo, que tanto jeito faria àqueles que de quando em vez procuram uma alternativa. Se fosse um "shopping"...

"Ao Partir Palavras" estreou-se no ano passado, numa co-produção com a Reitoria da Universidade de Coimbra, integrada na VII Semana Cultural. Por essa altura, Ruy Duarte de Carvalho vinha a Coimbra dar uma conferência, partilhar com o público uma pequena parte do seu conhecimento sobre diversas culturas autóctones africanas e suas tradições escritas e orais.

Essa experiência, relato exaustivo de tempos e modos ignorados, registada numa extensa obra poética e de ficção-narrativa, além de numa série filmada de 10 documentários (Presente Angolano/Tempo Mumuila, 1979), deu origem ao conto "João Carlos, natural do Chinguar, no Bié", incluído no livro "Como se o mundo não tivesse Leste", publicado pela primeira vez em 1977.

Foi a partir desta ficção que se iniciou um trabalho de colagem, utilizando-se fragmentos poéticos de outras obras do autor para constituir um texto apropriado para o palco. Tarefa difícil, uma vez que os originais, apesar do traço efabulado, não comportam uma matriz cénica significativa, para além da descrição dos espaços físicos. É sobretudo a dimensão psicológica que interessa na abordagem de Ruy Duarte de Carvalho, essencialmente antropológica.

Ora, o manejo dramatúrgico e a encenação de António Augusto Barros captam precisamente este espírito, fundado no poder da palavra. Muito embora insistindo em demasia num certo conceptualismo, esta peça poética não deixa de ser surpreendente; pelo movimento dos actores e pela articulação do texto com a projeção de paisagens e aquarelas de Ruy Duarte de Carvalho, que ajudam o público a contextualizar a acção no espaço.

É às quintas, sextas e sábados.

"Não é longe nem é perto, é lugar para chegar lá".

Daniel Boto

Carnaval em Guiné Bissau

"Isto parece um jardim de infância a céu aberto!". Este foi o primeiro comentário que consegui fazer ao repórter Paulo Nuno Vicente, depois de descermos as escadas da Pensão Centrale e ficarmos minutos em silêncio diante de uma verdadeira "nuvem" de crianças que corriam a festejar, vindas de todos os lados da Avenida Amílcar Cabral.

por Cláudio Vaz (Texto e Fotografia)

"Um mar de gente e de cores", pensava o Paulo em voz alta, preparando-se para aproveitar a vivacidade daquele som ambiente para a sua reportagem radiofónica. Baseados em nossas referencias culturais, começamos a nossa reportagem sobre o Carnaval na República da Guiné-Bissau e com ela, as mesmas perguntas: De onde saíram todas estas crianças? Onde estão os adultos?

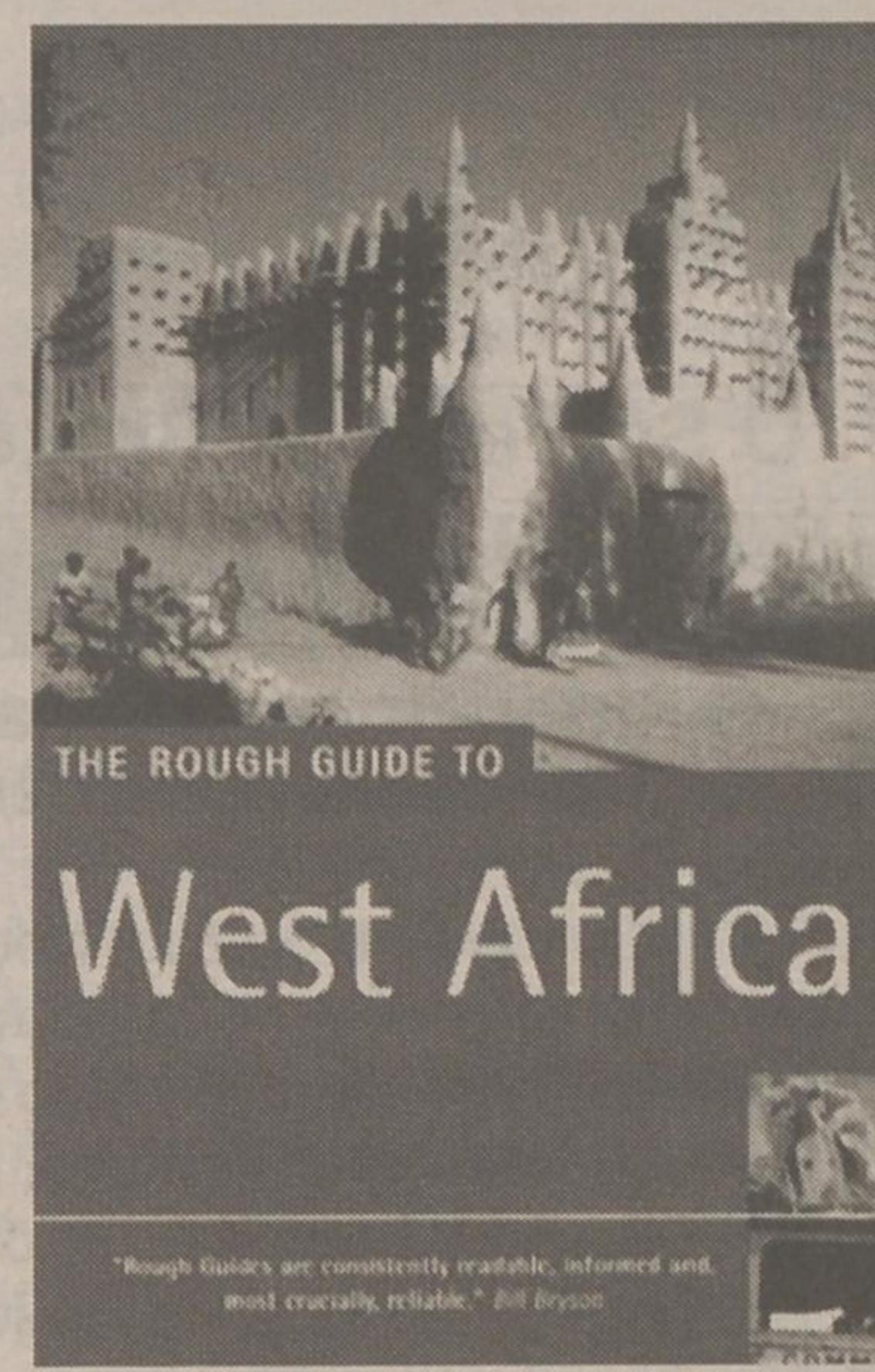
Havia adultos, porém, muito poucos em relação aos jovens que inundavam a avenida. Mas porquê? Os motivos começavam ser visíveis, conforme avançava no desfile e perdia o Paulo de vista. Após anos fechado por causa dos ataques sofridos na guerra civil e o golpe de Estado que retirou Nino Vieira do poder em 1999, o palácio presidencial da Praça das Nações estava de portas abertas para ver o desfile passar.

No edifício, parte da segunda resposta estava nas paredes. Ruínas. Na guerra civil de 98, a Guiné experimentou não apenas a derrota que um conflito traz para um povo. A guerra levou muitos adultos e deixou para trás um país órfão, de pais, irmãos mais velhos e mães. Apesar dos destroços e famílias destroçadas, Bissau cantava no Carnaval. Os 90 por cento da população guineense cantavam as suas músicas, com voz e energia de criança. Pequenos corpos que assistem ou se entregam à um culto à energia da alegria.

O Carnaval apareceu para mim pela primeira vez em 1985, com



as primeiras fantasias dos bailes da escola e depois, na adolescência, com as embriagantes festas de trios eléctricos em diferentes cidades brasileiras. Desta maneira, acostumei-me a contagiar e ser contagiado pelo "bloco" e a dançar e cantar atrás da multidão. Na Guiné, tive a impressão de redescobrir o sentido da festa. Com uma máquina fotográfica na mão, e mais duas à tiracolo, perdi-me no desfile que representava quase todas as 23 etnias guineenses. A minha fantasia de fotógrafo branco tinha-se misturado com a de dançarinos, coronéis, jogadores de futebol. No meio da festa, lembro-me de ter feito mentalmente uma engraçada relação: no Brasil, os fantasiados festejavam atrás dos blocos carnavalescos; na Guiné, os blocos carnavalescos corriam atrás dos fantasiados. Fantasiados e tudo mais que chamasse atenção: uns carregavam uma aparelhagem aos ombros, como "rappers" norte-americanos; outros empurravam bicicletas com os seus brinquedos favoritos em cima dos bancos; e outros, mais audaciosos, levavam cobras, javalis e babuínos de verdade para a festa. Sim, babuínos! E todos brincavam o seu Carnaval atrás do mais original, nem que fosse para esquecer do palácio e das dores, por apenas 5 dias.



THE ROUGH GUIDE TO

West Africa

"Rough Guides are consistently readable, informed and, most crucially, reliable." Bill Bryson

SORTEIO
A CABRA
ROUGH GUIDES

Em todas as edições A Cabra e a Rough Guides sorteiam guias de viagens para seus leitores. Para ganhar, basta visitar o site ACABRA.NET e sugerir um destino alternativo em Portugal, justificando.

**ROUGH
GUIDES**
disponível em
www.amazon.com

Crónica Erasmus

Uma crónica como tantas outras

Ljubljana, há mais de cinco meses. Ljubljana é uma cidade absolutamente intrigante, fantástica e diversa. Aqui nunca há o risco de não ter o que fazer. Aqui não há momentos mortos, nunca ninguém se aborrece, há vida a fervilhar por toda a parte, todos os dias, todo o dia. Acho que ninguém alguma vez se pode fartar de Ljubljana, porque é uma cidade tão intensa que não pára de nos surpreender. A vida aqui é feita de emoções fortes.

Na generalidade, os eslovenos são imensamente simpáticos, acessíveis e faladores. Mostram uma curiosidade enor-

me pelos estrangeiros e pelos motivos que os levam a escolher o país deles. São muitíssimo prestáveis e não negam nunca ajuda, seja para o que for. É praticamente impossível ter azar com as pessoas.

Também o pessoal que organiza a recepção aos estudantes estrangeiros é fora-de-série, dando o que tem e o que não tem para que a estadia em Ljubljana seja inesquecível. As actividades que organizam conseguem sempre conciliar a vertente recreativa com a lúdica. Nunca falhei uma actividade, e sempre dei o meu tempo por muito bem empregue.

Assim como com os eslovenos, o mesmo se passa com os estudantes Erasmus. Regra geral, toda a gente é impecável, há um espírito de grande entreajuda e pessoas muito interessantes para conhecer. Não é difícil fazer amigos.

Reflectindo, apercebo-me que nada aqui acontece de forma gratuita ou imotivada, há sempre nobres causas e princípios por detrás de cada acção, de cada gesto. Os fins es-

pelham a elevação dos meios. Que sorte poder lidar com gente assim no meu dia-a-dia!...

Não duvido que outros sítios isso possa acontecer, mas acho que seria impossível ouvir algum membro desta comunidade fantástica aqui de Ljubljana dizer que só queria ter sexo, porque para amor tinha a namorada. Aqui é impossível assistir à degradação do puro coleccionismo de medalhas de países. Aqui não há turistas sexuais. Aqui o carácter fala mais alto e toda a gente tem valores elevados que exerce com vigor.

Em suma, estou indizivelmente contente por ter escolhido Ljubljana para fazer Erasmus. Não me arrependo nem um bocadinho. Se fosse hoje tornava a fazer a mesma opção. E claro, tomem lá a frase clássica: façam Erasmus; vão ver que não se arrependem. A única verdade neste texto é que tudo o resto é mentira.

Tiago Pimentel

SEXTA
GERAÇÃO
Informática Multimédia Ltda

INFORMÁTICA À SUA MEDIDA...

O PREÇO É IMPORTANTE....

QUALIDADE É FUNDAMENTAL!

Desconto especial para estudantes: 5%

PUBLICIDADE
Galerias Avenida,
4º Piso, Loja 416
3000 Coimbra
Portugal

Tel. 239 834778 Fax. 239 827055
Url: www.6Geracao.web.pt
e-mail: avenida416@hotmail.com

ARTES...

Cinefilia

O Segredo de Brokeback Mountain / Ang Lee

O Amor Homossexual no Puritanismo Americano

"O Segredo de Brokeback Mountain" é a história de um amor impossível numa sociedade que não aceita a diferença. O filme, etiquetado de "western gay", tem um argumento muito simples, mas destaca-se pelo desempenho de todos os actores. Jack Twist (Jake Gyllenhaal) e Ennis Del Mar (Heath Ledger) são dois jovens cowboys que descobrem o amor, no Verão durante o qual guardam um rebanho de ovelhas isolado nas montanhas de Brokeback. No fim deste parêntesis de felicidade, que definirá para sempre as suas existências, cada um segue a sua vida no Sul dos Estados Unidos dos anos 60, onde é perigoso ser homossexual. Casam-se, têm filhos e conservam durante 20 anos este segredo, que desenterram sempre que vão "pescar" juntos nas Montanhas de Brokeback.

Longe de qualquer estereótipo, este filme é mais do que uma história de amor entre dois homens. Retrata a pureza de um amor fiel e verdadeiro, que exalta todos os sentimentos que são postos em valor pelo es-

tupendo jogo de actores. E é pouco dizer que sem Heath Ledger e Jake Gyllenhaal o filme não seria tão credível. Ledger, no papel de cowboy homofóbico confrontado com o desejo inspirado por Jack Twist, raramente pronuncia palavras, mas o doloroso conflito interior da personagem imprime-se na sua cara. Quanto a Gyllenhaal, faz explodir os pensamentos da sua personagem em torrentes de palavras. Os dois actores, dirigidos pelo ecléctico Ang Lee ("Hulk"), conseguem evitar a caricatura e construir duas personagens muito próximas do modelo de masculinidade americana, mas acrescentando-lhe sensibilidade.

Apesar de elipses temporais um pouco brutais, Ang Lee, através do retrato destes dois seres, em sintonia no meio da natureza mas inadaptados à vida social, soube transformar o livro de Annie Proulx numa das mais belas histórias de amor do Cinema.

Laura A. Cazaban sala_escura@hotmail.com

Cláudia Morais	
Laura Cazaban	
Raphael Jerônimo	
Rui Craveirinha	

Aposta de risco / D. J. Caruso

Um jogo de sorte...

"Aposta de Risco" é um filme sobre vícios variados, mas foca essencialmente o vício do jogo.

Walter Abrams (Al Pacino) tem um negócio de aconselhamento desportivo para apostas, e contrata Brandon Lang (Matthew McConaughey), um ex-jogador de futebol americano para fazer as previsões dos resultados. Faz dele um ícone, e cria um "império à sua volta", mas que a pouco e pouco se vai desmoronando.

E é quando começa a correr mal, que se percebe que, por trás de todo o negócio de apostas, está um vício compulsivo. Dos clientes, à custa dos quais esta dupla enriquece, mas também de Walter Abrams.

No espaço de uma semana, passa-se de pobre a rico, e vice-versa, e não se consegue parar, mesmo quando existe a possibilidade de se poder sair por cima.

Através da personagem interpretada por Al Pacino, Caruso explora este vício de uma maneira muito profunda e genuína.

Ao mesmo tempo, paralelamente, mostra Brandon, que passa de um modesto emprego em Las Vegas para o topo em Nova Iorque, mas que tem o discernimento suficiente para saber quando parar. Resumindo tudo a altos e baixos, ganhar ou perder.

É um filme astuto sobre um negócio de milhões, e explora o drama de uma maneira pouco habitual em filmes que abordam este tema. Embora por vezes pareça forçado, é um filme interessante.

Longe de ser uma obra-prima, mas é um registo que merece ser visto.

Al Pacino está mais uma vez genial.

Rafael Fernandes

Rafael Fernandes	
Rui Craveirinha	
Cláudia Morais	

Zeros e uns

O Linux de que toda a gente fala

O Ubuntu tornou-se uma das mais populares distribuições de Linux. O projecto foi fundado pelo milionário sul-africano Mark Shuttleworth (o primeiro africano a ir ao espaço) e pretende ser um sistema operativo que possa ser usado por qualquer pessoa. O lema da iniciativa é "Linux for human beings" e a palavra Ubuntu é um antigo termo africano connotado com a tolerância e a importância dos outros.

Para muitos utilizadores, a mais recente versão do Ubuntu pode ser uma alternativa viável ao Windows (ou a qualquer outro sistema operativo), mas está ainda longe de ser um produto para todos.

Comecemos pelo princípio: a instalação. Embora não seja nada agradável esteticamente, é relativamente simples. A única coisa que pode causar maiores dores de cabeça é a ferramenta de partição do disco. Antes da instalação, é altamente aconselhado fazer uma cópia dos ficheiros do disco e ter à mão uma cópia do sistema operativo que se tem instalado.

No computador que foi usado para esta análise (um Celeron D 2.6, com uma NVidea Geforce FX 5200 e placa de som onboard), todos os componentes foram detectados com sucesso. O único problema foi o adaptador USB de rede "wireless". Foi preciso encontrar o "driver" adequado, compilá-lo e configurar a rede. Para quem não tenha experimentado Linux, o processo não é nada simples.

Se tudo correr bem e todo o hardware for correctamente instalado, uma das grandes vantagens do Ubuntu (e de muitas distribuições de Linux) é que não é preciso fazer mais nada. O sistema vem com todos os programas para o utilizador comum: Firefox para navegar na Web, GAIM como substituto do MSN Messenger, OpenOffice 2.0, que é uma alternativa à altura do Microsoft Office, gravador de CDs... O Ubuntu tem ainda um útil instalador de programas, que permite escolher aplicações e instalá-las com dois ou três cliques, sem ter que aceder à Internet. O problema surge no caso dos utilizadores que querem o computador para mais do que entretenimento e processamento de texto, uma vez que ainda não há alternativas viáveis a aplicações como o Photoshop ou o Macromedia Flash.

Um dos defeitos apontados ao Ubuntu é a estética. O sistema inclui o ambiente de "desktop" Gnome, embora haja uma versão do Ubuntu com o ambiente KDE – o Kubuntu –, que a imprensa especializada tem classificado como inferior. O Gnome não é particularmente bonito, tal como o não são os "themes" que vêm com o Ubuntu. No entanto, uma pesquisa na Internet permite encontrar dezenas de "themes", que podem ser facilmente instalados e combinados, de forma a conseguir uma aparência digna do Mac OSX.

Por fim, o Ubuntu tem uma grande vantagem: ocupa apenas um CD. Quem quiser experimentar sem correr os riscos da instalação, pode ainda descarregar uma versão "live", que corre a partir do CD.

João Pedro Pereira - joaopedropereira@gmail.com

Comentários e críticas podem ser deixados em <http://engrenagem.jppereira.com>

A evitá-lo Fraco Podia ser pior Vale o bilhete

A Cabra aconselha

A Cabra d'Ouro

Todas as críticas em acabra.net.

No ouvido...

Computer says "Pop"!

Não conheço os "Broadcast", mas quando tinha 12 anos queria ter uma banda com esse nome. Mas quando eu tinha 12 anos, Kurt Cobain suicidou-se e levou com ele o "Rock". Depois vieram até mim os "Blur" e a batalha ficou definitivamente ganha pela "Pop". E se calhar é só mesmo por isso que eu acho que este disco é genial. Porque é "Pop" pura, à custa de todas as impurezas que vão contaminando o disco, desde a tristeza latente às distorções digitais próprias de universos musicais a que só agora a "Pop" vai beber. E nisso os "Broadcast" são pioneiros, ainda que neste campo o empurrão definitivo tenha sido dado pela super-estrela Beck Hansen, ao recrutar para as suas fileiras o renegado da electrónica 8-bit Paza Rahm, que se encarregou de demolir digitalmente "E-pro" na sua "Bad Cartridge mix".

"Tender Buttons" é o terceiro disco (quarto, se considerarmos a compilação de singles "Work and Non-work", editada em 1997) de uma carreira de 11 anos deste agora duo (já foram em tempos idos um quinteto) britânico de Birmingham. E confesso que me deixa com a sensação de que andei a perder muita coisa durante muito tempo. Por isso vou passar os próximos tempos a recuperar o tempo perdido.

Por estúpido que pareça, não vou perder muito tempo a descrever o disco nem vou destacar faixas. Nem sequer acho que valha a pena, porque ouvir "Tender Buttons" é uma experiência demasiado pessoal para eu tentar impor o que quer que seja sobre este disco a quem quer que seja. Digo-vos, quando muito, que me soa a uma adolescente presa num jogo de computador de início dos anos 90, algures entre o Zx-Spectrum e o Commodore 64, que roda a metade da velocidade, à custa de um qualquer erro na fita da cassette. E o jogo é decididamente triste, como a vida de qualquer adolescente; e há de certeza um nível que se passa na neve.

No fim do jogo a menina já não quer sair para o mundo acelerado. Prefere ficar presa no mundo dos pixels do seu jogo triste e continuar a combater os demónios do Amor, mesmo que tenha de estar sempre a voltar ao primeiro nível, que é sempre fácil de mais. Nesses momentos recorre à ancestral sabedoria dos anos oitenta do século passado, que diz "Load aspas aspas".

Emanuel Botelho

Broadcast
"Tender Buttons"
Warp, 2005

10/10



À cabeceira

O Papalagui
Tuiavii de Tiavéa
Edições Antígona, 2003
Tradução de Luiza Neto Jorge
Ilustração de Joost Swarte

10/10

Nós e os Outros

A comemorar-se os 25 anos da primeira edição portuguesa, com um êxito estrondoso, este livro é uma referência no pensamento e reflexão antropológica sobre a sociedade dita ocidental, estando presente a sua indicação em bibliografias académicas e nos manuais escolares. Compõe este livro um conjunto de discursos proferidos pelo chefe da tribo Tuiavii, da ilha Upolu (Samoa), sobre o Papalagui, isto é, o homem branco ocidental, discursos esses recolhidos pelo artista alemão Erich Scheurmann, em 1914.

Desde que iniciámos esta odisseia do diálogo entre culturas, desde a época dos "Descobrimentos", diálogo que recentemente foi atiçado pela publicação dos "cartoons" sobre o Islão no jornal dinamarquês, temos um numeroso acervo de escritos sobre outras culturas e civilizações, leituras sempre lidas à luz do nosso contexto. Como imagem reflectida, nestes discursos temos a visão do outro, da alteridade, sobre nós, o "homem branco ocidental".

Esta imagem de nós é tecida, também, por uma busca da permanência da identidade da própria tribo, identidade ameaçada, como tantas outras culturas, com o esbatimento das fronteiras e poder eco-

nómico dos países ditos ocidentais. Por isso é notório, também, algum etnocentrismo.

São 11 os discursos/temas onde o Chefe de Tiavéa traça as nossas características: "De como o Papalagui cobre as carnes com inúmeros panos e esteiras", "Das arcas de pedra, das gretas de pedra, das ilhas de pedra e do que entre elas há", "Do metal redondo e do papel forte", "As muitas coisas tornam o Papalagui mais pobre", "O Papalagui nunca tem tempo", "O Papalagui tornou Deus mais pobre", "O Grande Espírito pode mais do que a máquina", "Das profissões do Papalagui e da confusão que daí resulta", "Do lugar onde se simula a vida e dos muitos papéis", "A grave doença de estar sempre a pensar" e, por fim, "O Papalagui quer arrastar-nos para as suas trevas".

Podemos vislumbrar a partir destes "temas" a visão, para nós quase humorística, de um outro povo sobre nós, o que nos deve fazer pensar (lá estamos nós) sobre as imagens, nem sempre claras, que fazemos de outras culturas que não a nossa, mas, também, de nos fazer pensar sobre traços culturais que nem sempre supomos serem evidentes.

Um livro tão delicioso quanto breve, e fundamental para pensar a relação inter-cultural.

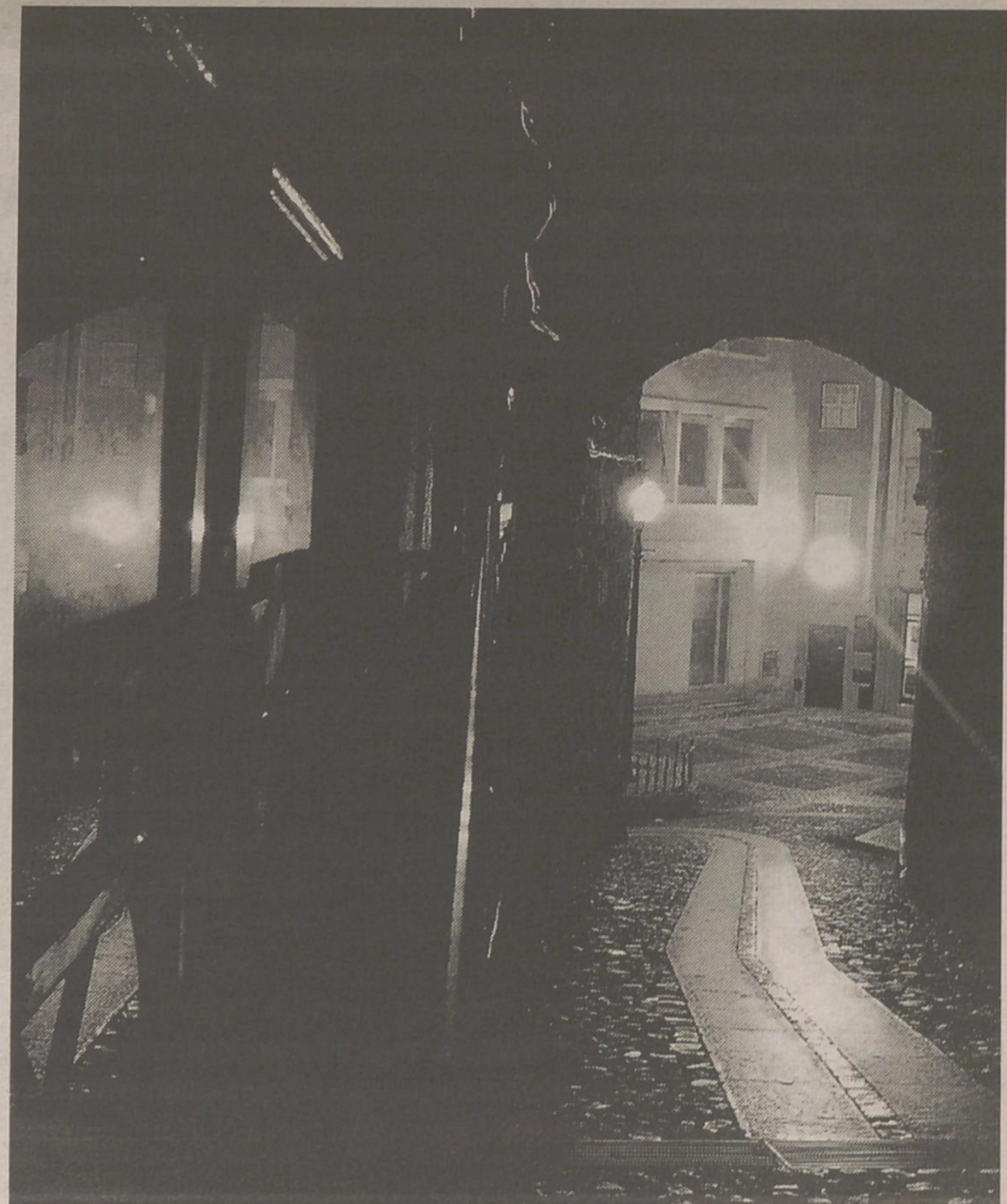
Andreia Ferreira

1000

PALAVRAS

RUI VELINDRO

"Agarrar o real no princípio da realidade.
Agarrar a imagem no princípio da representação."
Jean Baudrillard



FEITAS...

Jornal Universitário de Coimbra - A CABRA

Redacção: Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 Coimbra
Telf: 239 82 15 54 Fax: 239 82 15 54

e-mail: acabra@gmail.com

Concepção/Produção:
Secção de Jornalismo da
Associação Académica de Coimbra

acabranet
Jornal Universitário de Coimbra



ACADÉMICA PASS

Inclui o cheiro da relva,
os cânticos das claques,
e todas as emoções
de um jogo ao vivo,
a época inteira.

Tenha um Cartão de Sócio com 3 mensalidades, um Bilhete de Época 05.06 e um Vale de Compras do Jumbo no valor de €10. E habilite-se ainda a um magnífico Hyundai Atos e a uma Viagem à Madeira.

Por apenas
€40

Viva o futebol ao vivo.



ACADEMICA
PASS

MICA
PASS

DOLCE
VITA

Finibanco

BASCOL

ACOREANA

HYUNDAI

jumbo

GHEISA

OAF

tbz